



PUC
RIO

ANA CLAUDIA ARNAUD DA COSTA

IRC:

Uma nova alternativa para as relações entre as pessoas

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 21 de março de 2001.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N.Cham. 150 C837i TESE UC
Autor Costa, Ana Claudia Arnaud da
Título IRC



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00184713



184713
01/06/2001

150
C837x
1288 uc

5 de março

ANA CLAUDIA ARNAUD DA COSTA

IRC:

Uma nova alternativa para as relações entre as pessoas

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof^a Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 21 de março de 2001.

Para minha filha, que mais do que minha filha, é minha melhor amiga.

“Muito obrigada, meu amor!”

Agradecimentos

À Ana Maria Nicolaci-da-Costa, orientadora deste trabalho, pela confiança e paciência. Com certeza, sem a sua generosidade e grande disponibilidade todo o meu caminho seria muito mais difícil.

À minha filha, que tanto se privou, ao longo desses dois anos, da atenção de sua mãe. Sua tranquilidade e doçura me deram a força necessária para continuar.

Aos meus pais, que souberam me apoiar em todas as minhas decisões, malucas ou não. O fato é que, por conta dessa trajetória, nem sempre fácil de entender, cheguei aqui.

Ao meu namorado, Jorge, que comigo passou momentos de grande apreensão e procurou, sempre, transmitir toda a confiança que depositava em mim.

À Carla Leitão, Daniela Romão, Raphael Zaremba e Roberta Corrêa, participantes da minha equipe, que contribuíram com brilhantes idéias e dividiram comigo a angústia e ansiedade de desenvolver um trabalho como esse.

Aos vários amigos do IRC, antigos e novos, que contribuíram com suas impressões, possibilitando que eu começasse a desvendar esse novo mundo, as salas de chat.

Ao Departamento de Psicologia da PUC, mestres e funcionários, que souberam me receber bem quando graduanda e agora como mestranda.

Ao órgão financiador desse trabalho: CAPES.

Palavras chave:

IRC

INTERNET

NOVAS COMUNIDADES

RESUMO

Este estudo teve o objetivo de investigar o que leva pessoas a freqüentar as salas de chat do IRC de forma cotidiana e há muito tempo. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas quinze entrevistas, todas através da Internet. Os sujeitos foram recrutados no próprio ambiente de chat do IRC, tendo sido adotado um único critério para o recrutamento: todos deveriam freqüentar as salas de forma cotidiana e há mais de dois anos. As entrevistas foram analisadas através da técnica da análise do discurso. Foi possível concluir que os sujeitos encaram o IRC como um ótimo meio de conhecer pessoas dos mais diferentes lugares e estabelecer relacionamentos com aquelas com quem mais se identificam, na forma de viver e pensar. O fato deste contato se realizar através do computador, no conforto de seu lar e em horários dedicados ao lazer, acaba criando o hábito de freqüentar o IRC. O prazer encontrado nos relacionamentos e amizades virtuais estimula os sujeitos a perpetuarem esse hábito ao longo dos anos.

ABSTRACT

This study aimed to investigate what brings people to IRC's chat rooms day after day, for many years. In order to gather data, fifteen interviews, via the Internet, took place. The subjects were recruited at the chat rooms and a single criteria was followed: they should have been using IRC on a daily basis for over two years. The interviews were analyzed using the speech analysis technique. It was possible to conclude that IRC is considered by the subjects to be a good place to meet people from many locations and to link themselves to people with who they most identify. The habit of using the IRC's chat rooms seems to be the result of them being in contact with others, through the computer screen, during their leisure hours and without having to leave home. The pleasure found in virtual relationships and friendships stimulates the subjects to prolong such habit throughout the years.

SUMÁRIO

Introdução	1
<u>1 - Agregando os sujeitos: um olhar sobre os grupos contemporâneos</u>	4
Tribos	9
Ideal Comunitário	14
Estar-junto	18
Novo Comunitarismo	22
<u>2 - Conectando os sujeitos: um escopo da Internet e das salas de chat do IRC</u>	24
Internet e Ciberspaço	25
Comunidades Virtuais	29
IRC	33
Algumas Considerações	35
Sujeitos no IRC	36
<u>3 - Investigando os sujeitos: Pessoas nas salas de chat do IRC</u>	44
Considerações	44
Objetivos	46
Sujeitos	47
Procedimentos	49
Entrevistas	50
Análise dos Resultados	53
Resultados	55
- Escolha do canal	56
- Amigos	57
- Grupos e pessoas	60
- Relacionamento on line e off line	61
<i>Aspectos Negativos</i>	62
<i>Aspectos Positivos</i>	63
<i>Contradições</i>	66
- Sujeitos Anônimos	70

- Experimentando o virtual	72
- Emoções na ponta dos dedos	74
- Os outros	76
<i>Busca</i>	77
<i>Encontro</i>	78
- Voltar ao IRC	80
- Constatações finais	81
<u>4 - Discutindo as salas de chat do IRC: A teoria que embasa o raciocínio</u>	84
Tribos da Virtualidade	84
O Prazer de Estar Junto	85
Novas Comunidades	86
<u>5 - Referências Bibliográficas</u>	88

INTRODUÇÃO

Meu interesse pelas salas de chat do IRC começou como o de qualquer novata no mundo dos computadores. De tanto ouvir falar nelas, ao acessar a Internet pela primeira vez, quis, imediatamente, conhecê-las.

Esta experiência foi impressionante! Não acreditava na possibilidade de ali conversar, ao mesmo tempo, com pessoas de origens tão diferentes. Comecei a voltar dia após dia àquelas salas e, hoje, cinco anos depois, devo confessar que, quando tenho algum tempo livre, ainda é uma de minhas atividades favoritas.

Após algum tempo de freqüência comecei a perceber as particularidades do ambiente de chat. Começou a chamar a minha atenção a maneira como as pessoas tinham que se adaptar a este mundo, o virtual, para continuar se relacionando nos canais. O que eu percebia, de maneira muito intensa, era que as relações que se travavam no IRC eram tão fortes e consistentes quanto as elaboradas no mundo real. Ficava muito claro para mim que as pessoas iam ali para se divertir. No entanto, como em qualquer convívio cotidiano, algumas pessoas se aborreciam com este ou aquele freqüentador. Neste momento, alguns escolhiam trocar de sala, outros, simplesmente, abandonavam o IRC. Pareciam decidir que aquela não era a turma deles.

Várias foram minhas experiências no tempo em que freqüentei o IRC com maior intensidade. Muitas foram as percepções de que, ali, naquelas salas de poucas cores e muito texto digitado, estavam acontecendo verdadeiras revoluções na forma de as pessoas se conhecerem e relacionarem.

Aos poucos, e na medida em que comecei a elaborar minha experiência nas salas de chat, começou a nascer em mim a vontade de entender o que as pessoas estavam procurando naquele ambiente. Por que "perdiam" tanto tempo de suas vidas sentadas em frente ao monitor, digitando freneticamente? Por que mantinham o hábito de, praticamente todo dia, em

um mesmo horário, acessar determinados canais? Por que o faziam há tanto tempo e com a mesma convicção?

Foram essas as questões que originaram este trabalho.

Busquei, na literatura de Psicologia, material que permitisse a fundamentação do meu estudo. Confesso que não encontrei muito o que associar à perspectiva que queria dar a esta pesquisa. No entanto, através da literatura de Sociologia travei contato com o trabalho de Michel Maffesoli, que muito me ajudou na compreensão das novas formas de se agregar e se relacionar em nossas sociedades. Com a ajuda deste e de outros autores, em cujas obras encontrei embasamento para o meu trabalho, acredito ter elaborado um bom documento sobre as práticas sociais ensejadas nos ambientes de chat do IRC.

O presente estudo foi dividido em capítulos. Cada capítulo concentra informações que permitem ao leitor penetrar no mundo da Internet e, mais propriamente, dos chats, sendo abordados alguns dos novos fenômenos com que estamos nos defrontando nesta, que poderia ser chamada de uma era tecnológica.

O primeiro capítulo trata da obra de Michel Maffesoli, que, como mencionado acima, foi o autor que melhores subsídios ofereceu para uma maior compreensão das novas maneiras de as pessoas se relacionarem em nossas sociedades. Do trabalho de Maffesoli aproveitei conceitos que, sendo centrais e abrangentes, me permitiram fazer analogias entre o que foi descrito pelo sociólogo e o que eu estava percebendo e estudando nas salas de chat. É verdade que Maffesoli em nenhum momento pretendeu estudar qualquer das relações ensejadas no âmbito das novas tecnologias. Seu foco de atenção foram os movimentos de massa e as formas como estas se organizam. No entanto, seu estudo trouxe preciosas contribuições para o meu entendimento sobre o IRC.

O segundo capítulo traz explicações sobre a Internet e o IRC, bem como a contribuição de alguns autores, notadamente os psicólogos e, mais timidamente, do próprio Maffesoli, sobre as novas tecnologias. Preocupei-me, neste capítulo, em explicar as dinâmicas da Internet e, mais especificamente, do IRC, procurando colocar meu leitor em contato com esta nova realidade. Busquei o apoio de estudiosos como Anthony Giddens que, apesar de não tratar das novas tecnologias, produziu um interessante ensaio sobre nossas sociedades e as instituições sociais que regem as formas como, nos dias de hoje, estabelecemos nossas relações. Os outros autores mencionados neste capítulo estão amplamente comprometidos com o estudo da Internet e seus vários fenômenos.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa para este trabalho. Descrevi todos os cuidados e procedimentos adotados no sentido de demonstrar, da melhor forma possível, um pouco da realidade do IRC. Utilizando a análise do discurso como método de investigação, realizei entrevistas através das quais procurei compreender alguns dos fenômenos observados nas salas de chat. Ao final deste capítulo, na tentativa de facilitar o entendimento do leitor sobre como determinados aspectos desta nova realidade - o IRC - podem ser encarados como novas possibilidades de se relacionar socialmente, organizei a demonstração dos resultados.

O quarto capítulo se propõe a ser uma breve discussão acerca das idéias levantadas no primeiro capítulo e os resultados apontados em minha pesquisa de campo.

Acredito que, no conjunto de meu trabalho, posso oferecer interessantes indicativos sobre a resposta à minha questão: Por que as pessoas freqüentam o IRC cotidianamente e ao longo dos tempos?

1 – Agregando os sujeitos: um olhar sobre os grupos contemporâneos.

Podemos, sob a ótica de vários autores, observar a maneira como o sujeito comunica-se e relaciona-se com outros, formando o que se chama de corpo social. Dentre as contribuições dadas por autores contemporâneos, elejo as de Michel Maffesoli, sociólogo francês, como as mais relevantes para o meu objetivo. Suas idéias, principalmente as que dizem respeito às novas formas de o sujeito se agregar a outros, vêm de encontro ao que espero com esse trabalho: pesquisar os fenômenos sociais nas salas de chat do IRC.

Michel Maffesoli tem uma extensa obra. No presente estudo, pretendo apresentar idéias e conteúdos de três de seus livros, a saber: O Tempo das Tribos (1988), No Fundo das Aparências (1990) e A Contemplação do Mundo (1996). Dentre toda a sua obra, a escolha desses três livros se deu por acreditar que existe alguma sintonia entre os conceitos e idéias neles apresentadas e o que venho observando como sendo uma nova forma de se comunicar e se relacionar mediada por um computador. Com isso, faço referência ao objetivo deste trabalho, que é o de investigar as características das relações pessoais que ocorrem nas salas de chat do IRC. Esta proposta será tratada de forma mais aprofundada em capítulo posterior.

Neste capítulo, especificamente, vou expor alguns conceitos de Maffesoli que considero importantes, como: socialidade, ideal comunitário, neotribalismo, atmosfera afetual e idéia obsedante de estar-junto. Esses conceitos são apresentados ao longo dos três livros citados acima. Alguns com mais propriedade em um único livro, como é o caso do neotribalismo, que se encontra bastante explorado em O Tempo das Tribos (1988), outros como o conceito de socialidade, nos três livros mencionados. O que parece acontecer, no caso dos conceitos que se repetem nos três livros, é que Maffesoli procurou aplicá-los conjuntamente a outros conceitos. De um livro para outro, porém, esses conceitos que se repetem não chegam a sofrer transformações. O autor simplesmente estabelece relações entre eles e outros novos conceitos desenvolvidos. Maffesoli costura esses vários

conceitos na tentativa de compreender como se relaciona e articula socialmente o sujeito da Pós-Modernidade.

Passo, então, a fazer uma breve e primeira apresentação de cada um dos livros utilizados na elaboração deste estudo. Busco, com isso, introduzir o leitor à obra de Maffesoli, em especial ao que considero pregnante para o desenvolvimento de meu próprio trabalho.

O primeiro dos três livros de Maffesoli mencionados acima – O Tempo das Tribos (1988) - trata do *"vaivém constante que se estabelece entre a massificação crescente e o desenvolvimento dos microgrupos que chamarei tribos."* (1988, p.8). A partir de um paralelo traçado entre a Modernidade e a Pós-Modernidade, Maffesoli identifica uma tensão fundadora, uma nova maneira de se observar o cotidiano e como o sujeito se organiza socialmente neste. Maffesoli faz uma oposição entre o que ele define como estrutura mecânica da Modernidade e o que seria uma estrutura complexa ou orgânica da Pós-Modernidade. Na primeira, o sujeito se organizava em torno de ideais econômico-políticos, tinha, enquanto indivíduo, uma função social e formava grupos com bases contratuais, visando um projeto econômico-social que atendesse ao Estado-Nação. Essa estrutura era norteada pelo conceito de "social", uma entidade geral, inequívoca, racional, adotada pela Sociologia Clássica para entender e apreender as diversas relações travadas pelo sujeito, seus pares e instituições, no sentido de manter e desenvolver um projeto comum de organização econômica e social idealizado na Modernidade. Na segunda, o sujeito não mais se diferencia a princípio - fazendo parte de uma massa multiforme e agitada - e tem, enquanto pessoa(persona), um papel a desempenhar dentro das tribos. Estas se formam em bases afetuais, nas quais, mais importante do que o projeto empreendido, é a identificação que aproxima seus componentes em todos os domínios: culturais, produtivos, religiosos, sexuais e ideológicos. Essa estrutura é norteada pelo conceito de "socialidade", que Maffesoli propõe como substituto do caráter "social" da Modernidade. A socialidade segue uma lógica da identificação, as pessoas se agrupam com outras com os mesmos interesses, sendo que, neste caso, não necessariamente em caráter estável e

sem a necessidade de um projeto comum. O caráter muitas vezes efêmero desses agrupamentos permite que o sujeito participe de várias tribos ao mesmo tempo ou seguidamente, alternando entre os vários códigos (modos de falar e vestir, comportamento, atitude), na medida de seus interesses e segundo a visão que tem de si mesmo.

O livro No Fundo das Aparências (1990) trata do que Maffesoli descreve como um "...*hedonismo do cotidiano irreprimível e poderoso que subentende e sustenta toda vida em sociedade.*" (1990, p.11). Neste livro, Maffesoli postula que as relações sociais da vida corrente – instituições, trabalho, lazer – não são mais delimitadas por uma lógica econômico-política, ou determinadas em função de uma visão moral. A dicotomia que a Modernidade estabelecia entre razão e imaginário, desvalorizando parâmetros que habitualmente são considerados como secundários - o frívolo, a emoção, a aparência... - se vê abatida diante da pregnância que o cotidiano, a vida no dia-a-dia, assume, valorizando o que é da ordem da proximidade. De acordo com Maffesoli, o laço social torna-se emocional. Elaborar-se um modo de ser – ethos - onde o que é experimentado com outros é primordial para a constituição dos agrupamentos sociais. Maffesoli continua a desenvolver suas idéias acerca do conceito de socialidade, relacionando-o com uma característica, bastante pregnante, desses novos agrupamentos sociais, que percebe e descreve: o estar-junto desordenado e versátil. Esse "estar-junto" caracteriza a necessidade do sujeito pós-moderno de se vincular a diversas tribos. Está claro que, desde as mais remotas noções do ser humano, como ser social a priori, existe a necessidade de proximidade, de estar junto com os outros, daí a noção de corpo social. O que Maffesoli percebe de diferente nesses tempos, que ele chama de pós-modernos, é a facilidade com que o mesmo sujeito alterna de um grupo para outro e o fato de esses agrupamentos muitas vezes terem caráter efêmero sem maior compromisso por parte desse mesmo sujeito. Na medida em que a associação deixa de satisfazer os interesses desse sujeito, ele naturalmente rompe os vínculos com um grupo e se aproxima de outro - ou outros - com o qual se identifique mais. Esse rompimento não induz ao sofrimento ou ao esfacelamento do sujeito e não conduz a nenhuma

conseqüência ou repreensão por parte do grupo abandonado. É visto como natural e previsível. A título de ilustração, Maffesoli coloca:

"É nisso que a pós-modernidade inaugura uma forma de solidariedade social que não é mais definida em uma palavra contratual, mas que, ao contrário, se elabora a partir de um processo complexo feito de atrações, de repulsões, de emoções e de paixões. Coisas que têm uma forte carga estética. (...) A simpatia universal do homem com seu ambiente natural, que reforça sua empatia particular com o ambiente comunitário. Isso pode parecer um pouco abstrato, e, no entanto, várias atitudes caridosas, ajudas associativas, divisão de trabalho, pequenas sociabilidades de vizinhança ou de encargos no quadro da proximidade são, sem isso, incompreensíveis. Acontece o mesmo com a constituição de grupos de vida, das pequenas comunidades eletivas, bem como culturas de empresa ou outras formas de espírito doméstico que, em todos os domínios, desenvolvem-se de um modo mais ou menos efêmero. (...) Tudo isso está imerso num ambiente afetivo, emocional que torna bem difícil a análise ou a ação simplesmente racional." (1990, p.15)

No Fundo das Aparências tem ainda a seu favor o fato de aprofundar sobremaneira o entendimento acerca do que Maffesoli chama de socialidade e sobre a maneira como esta se caracteriza na Pós-Modernidade.

Já em A Contemplação do Mundo (1996), Maffesoli trata do conceito de ideal comunitário, que toma emprestado da obra de Walter Benjamin (1990) e relaciona ao estado nascente dos tempos pós-modernos. Maffesoli sugere que os diversos fanatismos religiosos, as ressurgências étnicas, as reivindicações lingüísticas ou outros apegos ao território são as manifestações mais evidentes dos elementos arcaicos que se acreditava totalmente esmagados pela racionalização do mundo e pelo advento da Modernidade. Argumenta que a sociedade complexa, como a conhecemos, repousava sobre um conjunto de valores que não tinham expressão explícita na vida social; quando muito estavam acantonados na ordem do privado. Além disso, continua ele, não se lhes conferia nenhuma dignidade acadêmica. Esse seria o caso daquilo que se relaciona com o comunitarismo,

com o cotidiano, o localismo, o presente, o passional, e, evidentemente, com o imaginário, sob suas diversas modulações. Maffesoli postula:

“ O ideal comunitário também se encontra nas várias formas de solidariedade ou de generosidade, cuja análise muitas vezes se negligencia. Estas podem ser mais ou menos espetaculares, podem ocupar o canal dos meios de comunicação, ou, ao contrário, ser vividas discretamente na vida cotidiana. Nem por isso deixam de ser elementos importantes da sociabilidade de base. Assim, os concertos pelas grandes causas humanitárias, a multiplicação das organizações não-governamentais e a atração que elas suscitam, as várias ações caritativas, a recrudescência das boas obras, sem esquecer os diversos idealismos que, sem muitas teorias, dirigem-se essencialmente ao afeto daqueles que os praticam. Em todos esses casos, a eficácia não é evidente, às vezes ela é mesmo completamente nula. Em compensação, de uma maneira mais ou menos consciente, vive-se uma forma de estar-junto que não está voltada para o longínquo, para a realização de uma sociedade perfeita no porvir, mas que se dedica a organizar o presente, que se tenta tornar o mais hedonista possível.” (1996, p.16/17)

Neste livro, Maffesoli sintetiza, na figura do ideal comunitário, todas as modificações que ele acha que as sociedades estão sofrendo. Marca também o que ele considera uma mudança de paradigma que está transformando a forma como os sujeitos se articulam e se agregam, modificando, assim, o próprio sujeito e as várias representações de si mesmo.

Os três livros acima parecem se complementar no aprofundamento de conceitos que considero interessantes e que procurarei aprofundar ao longo de todo o presente capítulo. São eles, conforme já citei anteriormente: neotribalismo, ideal comunitário, socialidade, atmosfera afetual e idéia obsedante de estar-junto.

TRIBOS

O trabalho de Maffesoli sobre o tribalismo pode ser quase que completamente encontrado em O Tempo das Tribos (1988). Com exceção de uma ou outra menção ou citação nos outros livros, a que pretendo remeter o leitor sempre que necessário, todas as considerações sobre tribalismo têm como fonte a obra supra-citada.

Maffesoli defende que "ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. E é assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas. O adepto do jogging, o punk, o look retrô, os gente-bem, os animadores públicos, nos convidam a um incessante travelling". (1988, p.107)

Maffesoli usa o neotribalismo para explicar o que ele percebe como a multiplicação de pequenos grupos de redes existenciais. Identifica-as como uma espécie de tribalismo que se baseia, ao mesmo tempo, no espírito de religião - entendido aqui como re-ligare - e no localismo - proximidade, natureza.

[De acordo com Maffesoli, primeiro temos a massa uniforme, formada por uma legião de sujeitos sem rostos. De momentos em momentos, essa massa vai se diferenciando em pequenos e múltiplos grupos, cada um destes com interesses e códigos próprios.]

Maffesoli diz que, diferentemente do tribalismo clássico, onde a agregação social se referia a um bando, a uma família, a uma comunidade, assumindo um caráter estável, o neotribalismo permite uma maior interconexão entre os vários grupos ou tribos. Isso é possível por que os encontros ou agregações têm caráter pontual. Com isso quero dizer que Maffesoli entende que a escolha por determinadas situações coletivas - tais como shows, esportes e outras aglomerações que parecem simplesmente eventos de massa - marca a desindividualização do sujeito que, por alguns ou vários momentos, se

agrupa com outros que como ele têm seus gostos específicos. Na maior parte das vezes, esses agrupamentos têm também algumas características em comum, tais como o modo de se vestir e se comportar.

[Maffesoli afirma que o sujeito, ao fazer a escolha de se agrupar com essa ou aquela tribo, o faz em bases afetuais.] A atmosfera afetual é uma aura emocional que atrai o sujeito para aquele grupo ou situação. O caráter principal desses agrupamentos é puramente hedonista. Nesse sentido, quanto mais orgiástica for a tendência geral da situação, ou quanto mais prazer e satisfação sentir o sujeito, mais forte é o laço entre o sujeito e aquela tribo. O caráter orgiástico aponta, para o sujeito, uma promessa de diversão e entretenimento que acaba por seduzi-lo e atraí-lo. O sujeito passa, por algum tempo, a se sentir ligado afetualmente aos outros membros do grupo, identificando-se e procurando assimilar formas de melhor tirar proveito desse convívio. É importante precisar que esse sujeito não está preso a nenhum compromisso com esse grupo. Sua associação só se dá enquanto existe prazer nesse convívio. Da mesma maneira, não existe fidelidade à tribo. O sujeito pode freqüentar tantas tribos quanto lhe interessar e satisfizer.]

Maffesoli defende que o (res)surgimento das tribos contemporâneas é significativo de uma mudança de paradigma que está ocorrendo atualmente. Com isso, ele quer dizer que as tribos atuais podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia dispendida para a constituição do grupo como tal. Argumenta que existe uma "lei" sociológica que leva os cientistas a julgarem todas as coisas com base no que está instituído. Assim sendo, esses cientistas passam ao largo do que está em vias de surgir. Para Maffesoli, o postulado é o de que: *"a constituição em rede dos microgrupos contemporâneos é a expressão mais acabada da criatividade das massas."* (1988, p. 137)]

Maffesoli credita a possibilidade de interconexão dos grupos em rede ao advento dos sistemas de comunicação de massa - principalmente os que pretendem entreter o sujeito. Acredita que os fenômenos de comunicação, principalmente os de massa, são os responsáveis pelo fato de as tribos e os

grupos contemporâneos caracterizarem-se pela efemeridade de seus encontros e pela diversidade de suas formas. O que está na moda, o que a mídia elege como interessante tem um papel determinante nas escolhas do sujeito. A informação, a noção de diversidade de oportunidades e situações suscitadas pela comunicação em massa facilitam o vai-e-vém das massas-tribos.

Da mesma maneira, interessa a Maffesoli a multiplicidade de papéis que o sujeito pode desempenhar no convívio com todas as tribos que porventura escolher integrar. Essa multiplicidade de papéis é um importante diferencial entre o social e o que ele chama de socialidade, também um de seus conceitos. Diz: *"no social o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável; na socialidade a pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do theatrum mundi."* (1988, p.108)

Para Maffesoli, a socialidade existe em contrapartida ao caráter mecânico e racional adotado na Modernidade e representado pelo conceito de social. Dentro desse raciocínio, considerando o social, as relações sociais seriam avaliadas enquanto produto dos interesses do Estado-Nação visando uma sociedade produtiva, organizada e mecânica. O sujeito interessaria enquanto estivesse cumprindo sua função sócio-econômica. Interessaria enquanto objetivasse um desenvolvimento autosustentável e idealizado nos gabinetes governamentais e teorias estatizantes.

Por dois séculos, segundo Maffesoli, perseguiu-se esse ideal democrático, onde, mais importante que o sujeito é o sistema que procura possibilitar um ambiente de produção igualitário e geral. Dentro desse esquema, onde cada sujeito tem uma função bem demarcada, a figura do indivíduo, destacada de seus pares e responsável por sua própria rotina e trajetória, ganhou força e expressão. No entanto, ainda segundo Maffesoli, essa categoria – a do

indivíduo – até agora utilizada para analisar a sociedade encontra-se saturada. Ele credita essa saturação ao advento da massa indefinida, do povo sem identidade. O que ele parece querer demonstrar é que o movimento que essa massa empreende é característico dessa nova ordem: a socialidade. Suas escolhas, a maneira como se organiza em pequenos e vários grupos – as tribos –, o que reivindica e espera de seus pares, como responde à horda consumista, levando a economia nessa ou naquela direção, enfim, gerando suas próprias regras e preferências, caracterizam essa nova forma de entender e exercitar sua socialidade. Socialidade significa, assim, que a vida social não pode se reduzir às simples relações racionais ou mecânicas que servem, em geral, para definir as relações sociais. A socialidade permite integrar à análise parâmetros tais como o sentimento, a emoção, o imaginário, o lúdico e outras categorias que atualmente exercem maior eficácia e permitem uma melhor compreensão da organização das nossas sociedades.

Segundo Maffesoli, na compreensão da sociedade teve-se tendência a negligenciar, como sendo insignificante, todo o caráter sensível e emocional do dado social – o sujeito. É isso o que a socialidade se empenha por lembrar. Em suas próprias palavras:

"...o epicurismo da vida cotidiana é uma ideologia, e uma maneira de ser, amplamente difundida. Presenteísmo de múltiplas faces que não contestam as grandes representações projetivas, sejam elas religiosas, políticas ou econômicas, mas que se situa deliberadamente à margem delas, contentando-se em aproveitar o tempo que passa. Trata-se de um saber incorporado, o que se pode chamar, para fazer imagem, de pensamento vicinal que, em virtude de uma sabedoria trágica, sabe que os "prazeres da vida", comer, beber, tagarelar, amar, discutir, passam logo, e que convém fazer uso deles aqui e agora. Nunca se repetirá o suficiente tais banalidades, pois, de um lado, esquecemo-nos sempre de levá-las em conta, e, de outro, elas constituem, queiramos ou não, o elemento de base da "construção" social da realidade" (1990, p.107)

Assim, Maffesoli nos diz que o lazer, o prazer e todos os aspectos lúdicos da sociedade adquirem, em nosso tempo, um papel relevante na forma como os sujeitos se agregam. As vivências cotidianas passam a nortear as escolhas e determinar a maneira como os sujeitos se relacionam socialmente.

Essa socialidade - oriunda do caráter imaginário, lúdico, emocional da vida social - caracteriza, então, o neotribalismo, que se apresenta nas mais diversas formas; recusa-se a reconhecer-se em qualquer projeto político, não se inscreve em nenhuma finalidade e tem como única razão de ser a preocupação com um presente vivido coletivamente.

O tribalismo é o movimento de agregação social representante dessa mudança de paradigma, mudança que Maffesoli reconhece na passagem do social para a socialidade. Essa mudança é sempre anunciada, de acordo com Maffesoli: *"...cada grande fissura no devir humano - revolução, decadência, nascimento de império - é acompanhada de uma multiplicação de novos estilos de vida. (...) Como característica comum, tem por um lado a de romper com o que, comumente, é admitido, e por outro, a de acentuar o aspecto orgânico, a agregação social."* (1988, p.137) Ele explica que o tribalismo é um novo estilo de vida. Através dos bandos, clãs e gangs, o tribalismo recorda a importância do afeto na vida social. Ao se ligar a este ou àquele grupo, o sujeito está exercitando a socialidade eletiva.

A socialidade eletiva, segundo Maffesoli, é elaborada a partir dos processos de atração e repulsão que se fazem por escolha. A sociedade, como Maffesoli a compreende, vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações e das experiências nos diversos grupos a que pertence cada sujeito. Estes grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas, múltiplas. Fica sublinhada a importância do afeto - atração-repulsão - na vida social, e pode-se demonstrar que este é não-consciente, não-lógico. Essa organicidade condiciona múltiplas atitudes, qualificadas de irracionais, observadas em nossos dias, de acordo com Maffesoli. No exercício da socialidade eletiva, o sujeito escolhe participar

dessa ou daquela tribo em função de seus gostos pessoais. O que prevalece é o fato de estar junto de pessoas que se imagina ter interesses em comum. Isso passa a ser mais importante que ter um objetivo a atingir. Maffesoli completa: "...o fato de partilhar um hábito, uma ideologia, um ideal determina o estar-junto, e permite que este seja uma proteção contra a imposição, venha ela do lado que vier." (1988, p. 131) Com isso, o pequeno grupo – tribo – se protege das imposições do grande grupo – sociedade.

No livro A Contemplação do Mundo (1996), Maffesoli volta a abordar esse assunto. A essa mudança, apontada por Maffesoli, entre o social da modernidade e a socialidade que ele verifica na pós-modernidade, segue-se, na forma de um novo paradigma, a transformação do ideal que mobiliza o sujeito. Não mais considera-se o ideal democrático como objetivo do sujeito na busca por um espaço na sociedade. Os interesses do Estado-Nação não são mais entendidos como ideais do próprio sujeito. A esse ideal sucede-se o ideal comunitário, que abre espaço para que o sujeito possa escolher, livremente, a forma como vai participar e se colocar em relação a toda a sociedade. Esse mesmo ideal comunitário faz com que o sujeito sinta-se mais do que uma engrenagem na grande máquina, faz com que ele sinta-se como o que realmente é: protagonista de sua própria atuação na sociedade e em relação a seus pares.

IDEAL COMUNITÁRIO

Ainda em A Contemplação do Mundo (1996), Maffesoli começa a explorar o que ele virá a chamar de ideal comunitário. Maffesoli acredita que, há alguns decênios, está-se esboçando uma profunda metamorfose que, de uma maneira orgânica, opera a partir de germes preexistentes. Os germes são a tribalização, a cultura do sentimento, a estetização da vida e a predominância do cotidiano. Esta configuração determina o estilo de nossa época. Este estilo determina, por sua vez, a maneira como os sujeitos vivem e se agregam.

O esboço dessa metamorfose se verifica na observação de que o individualismo, a razão instrumental, a onipotência da técnica e o todo econômico, de acordo com Maffesoli, não mais suscitam a adesão de antes. Eles não mais funcionam como mitos fundadores ou como metas a serem atingidas. O ideal democrático, representativo da época moderna, está saturado, em vias de ser substituído por aquilo que Maffesoli chama de ideal comunitário. Esse ideal comunitário remete ao nascimento de um "ego coletivo", que não se reconheceria mais nos ideais longínquos, racionais, universais, próprios dos Estados-nações da modernidade, mas que se apoia na proximidade dos sujeitos, no cotidiano vivido. Esse ego coletivo, ou consciência coletiva, serve de suporte, simultaneamente, ao conjunto da vida social e às diversas tribos que dela fazem parte. Maffesoli acredita que esse ideal comunitário está servindo de cimento, reforçando o sentimento de pertença dos sujeitos contemporâneos e favorecendo uma nova relação com o ambiente social e natural.

Em uma sociedade como a da época moderna, em que todas as coisas repousavam na distinção, na separação, no corte – em que, por exemplo, a economia estava bem separada da cultura, esta da religião e assim por diante – o estilo podia ser uma coisa à parte, que se aplicava ao domínio bem circunscrito da arte. Dá-se de outra maneira, de acordo com Maffesoli, nas sociedades pós-modernas: como todos os domínios da vida social estão em interação, é bastante difícil, até mesmo impossível, isolar este ou aquele aspecto de um fenômeno. É, nesse sentido, que o estilo pode ser compreendido como o princípio de unidade; aquilo que une, em profundidade, a diversidade das coisas. Maffesoli credits a esta unicidade de todos os setores da sociedade e à relevância que o cotidiano vem assumindo, a ascendência do ideal comunitário. O ideal comunitário explica, então, a tendência dos sujeitos a se aproximarem e se agregarem, mesmo que de maneira efêmera e circunstancial. O estilo possibilita o vínculo entre aspectos diferentes da sociedade e entre seus vários grupos, fortalecendo a rede de interconexões e satisfazendo a necessidade do sujeito de estar junto a outros, mesmo na ausência de um objetivo determinado. A intenção não é de

promover um projeto no porvir, mas sim de dar conta de um presente vivido em grupo.

A força do estilo, segundo Maffesoli, exprime bem o paradigma estético da pós-modernidade: o nascimento de um novo momento fundador, a emergência de uma nova cultura. A civilização enlanguescedora de uma modernidade econômico-utilitária está em vias de suceder uma nova cultura, onde o sentido do supérfluo, a preocupação com o inútil, a busca do qualitativo assume o primeiro lugar. A pulsão estilística, enquanto maneira de pensar, de agir, de sentir, é seu mais nítido indicador.

Não é preciso atribuir essa tendência apenas aos países desenvolvidos. Sob modulações específicas, segundo o autor, é encontrada também nos chamados países "em vias de desenvolvimento". Neles, a afirmação de maneiras de ser tradicionais, a acentuação dos costumes locais e as formas de solidariedade comunitária são a marca da estética. Maffesoli reafirma que essa estética não se reduz à arte, mas remete às emoções partilhadas e aos sentimentos vividos em comum. Trata-se de um "tempo das tribos" se esboçando. É um tempo em que o estilo de ver, de sentir, de amar, de se entusiasmar em comum e no presente se impõe, sem dificuldade, às representações racionais voltadas para o futuro.

De acordo com Maffesoli, o ideal comunitário não pode ser medido pela bitola do projeto político da modernidade. Isso não significa, entretanto, que não esteja nascendo um outro tipo de solidariedade. O que está nascendo, de acordo com o autor, é uma solidariedade orgânica, isto é, uma solidariedade que mantém unidos todos os elementos que a modernidade tinha separado. Na Modernidade, as atitudes solidárias se davam no âmbito do Estado, ou da religião, e tinham um cunho geral dentro de um projeto idealista de desenvolvimento gradativo, visando o futuro. Na Pós-Modernidade, ao contrário, nos deparamos com atitudes solidárias partindo dos sujeitos ou dos grupos e procurando agregar outros, numa busca por unir esforços e dar conta de situações do presente, do cotidiano desses sujeitos.

Não se considera a atitude solidária como uma função somente do Estado. Procura-se minorar os problemas observados na sociedade em nome de um dia-a-dia mais confortável também para o sujeito que se empenha nessas campanhas solidárias. Acredita-se que com cada um fazendo um pouco está-se possibilitando um presente melhor para todos e dando uma chance para que o futuro se organize de forma mais justa e igualitária. Isso não significa que exista um projeto, organizado e pensado nesse sentido; apenas o sujeito sente-se mais à vontade estando junto e trabalhando com outros em prol de atividades que fortaleçam o prazer de estar no mundo e em sociedade. Para exemplificar, bastaria fazer referência a todas as ações caritativas que se desenvolvem em nossos dias, à multiplicidade dos conjuntos musicais organizados para financiar alguma causa nobre, a todas as pequenas solidariedades cotidianas, às diversas formas de generosidade no seio das tribos urbanas, ou à benemerência no quadro das muitas associações. A maior parte dessas ações caritativas não tem nenhum resultado tangível, ou então possui resultados muito medíocres, quando medidos pelo metro da razão instrumental de eficácia. No entanto, favorecem a emoção comum, confortam o sentimento coletivo e, por isso, fortificam o vínculo comunitário.

Como já vimos, Maffesoli acrescenta que os fanatismos religiosos, as ressurgências étnicas, as reivindicações lingüísticas e outros apegos ao território, ao lugar, à cultura do sujeito pós-moderno, são as manifestações mais evidentes dessa tendência que se acreditava totalmente esmagada pela racionalização do mundo. Todas essas expressões coletivas – bem como as efervescências esportivas e musicais que pontuam a vida social (sem esquecer as fúrias consumistas) – resgatam algo do transe antigo, que tinha por função essencialmente reforçar o estar-junto daqueles que participavam dos mesmos movimentos. O sujeito vê reforçado também o sentimento de pertença, de participação em algo, sempre a partir de seu interesse e por um tempo determinado por sua necessidade de se engajar ou agrupar em torno de um ou vários desses movimentos.

Esse ideal comunitário, segundo Maffesoli, está promovendo toda uma atmosfera, que é contemporânea, e que ele acredita estar facilitando os agrupamentos com conotações afetuais. As tribos significam a busca do sujeito por outros com os mesmos interesses e a aproximação de pessoas a princípio sem nenhum tipo de laços ou referências institucionais. Isto seria o que foi chamado por Maffesoli de socialidade eletiva e atenderia a essa demanda contemporânea de estar junto "à toa", sem compromissos institucionais e sem projetos determinados.

ESTAR-JUNTO

O livro No Fundo das Aparências (1990) é emblemático, pois Maffesoli começa a fechar algumas conclusões sobre a formação das tribos, no que interessam enquanto fator de agregação social, e remete o ideal comunitário ao seu papel paradigmático com relação aos tempos pós-modernos. É também o livro onde ele mais se esforça em explorar o que chama de idéia obsedante de estar-junto à toa e sua função estética.

Maffesoli aponta o estar-junto como um dado fundamental do paradigma estético que ele acredita nortear nossas sociedades. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação, ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma cultura sua força e sua solidez específicas. Ele acredita que, em seguida, essa espontaneidade pode se artificializar, civilizar e produzir obras - políticas, econômicas, artísticas - notáveis. No entanto, sempre será necessário retomar a forma pura que seria o "estar-junto à toa". Diz a esse respeito:

"A estética terá, portanto, por função ressaltar a eficácia das formas de simpatia e seu papel de laço social no novo paradigma que se esboça. A partir do momento em que se esteja de acordo com a correspondência orgânica que liga as pessoas, "as palavras e as coisas", a partir do momento em que se reconheça que todas as situações, todas as experiências, por

menores que sejam, participam de um ambiente geral, a partir do momento em que nos dedicamos a sublinhar que os imaginários de diversas espécies irrigam em profundidade a vida societal, então, para retomar uma expressão da Escola de Frankfurt, "a atividade comunicacional" prevalecerá, para compreender o que chamei de idéia obsedante do estar-junto." (1990, p.33)

O fato de experimentar algo junto é fator de socialização, nos diz Maffesoli. Ao se juntar a outros com os mesmos interesses para experimentar determinadas vivências, o sujeito se defronta com outros que, como ele, têm diversos e variados interesses e origens, promovendo um esquema de socialização multicultural muito comum e observado nos dias atuais. Podemos citar, como exemplo dessa socialização multicultural, a comunicação mediada por computadores, que facilita a comunicação e estabelece uma rede entre sujeitos de várias culturas, tendo como base um mesmo assunto comum ou até um "hobby". Outros exemplos seriam a tendência atual de se conviver e viajar para países com outras culturas ou mesmo acompanhar e participar de campeonatos esportivos que abrangem esportistas de todo o mundo. A cultura do sentimento é, portanto, a consequência da atração. Agregamo-nos segundo as circunstâncias ou os desejos. O autor defende que o valor, a admiração, o "hobby", o gosto que são partilhados tomam-se cimento, apontam o caminho da ética. Por ética, ele quer dizer uma moral "sem obrigação nem sanção"; sem outra obrigação que a de unir-se, de ser membro do corpo coletivo, sem outra sanção que a de ser excluído, caso cesse o interesse que liga o sujeito ao grupo.

A identificação agrega, então, cada pessoa a um pequeno grupo ou a uma série de grupos. Na base de toda representação, de acordo com Maffesoli, ou de toda ação, há uma sensibilidade coletiva e uma reunião extralógica que serve de fundamento à existência social. O que é essencial é o estar-junto suscitado pela identificação. O objeto a que se refere a fascinação pode se saturar ou perder seu poder de imantação; ele é, a partir de então, abandonado. Em compensação, perdura a estrutura que faz com que esse poder seja atribuído a um outro objeto que desempenha, por sua vez, a função de agregação, como bem descreve Maffesoli:

"...a identificação ressalta que a pessoa é composta de uma série de estratos que são vividos de um modo seqüencial, ou mesmo que podem ser vividos concorrentemente, ao mesmo tempo. É essa estratificação que engendra todos esses territórios delimitados pelas diferentes tribos contemporâneas. (...)... aos "territórios" da alma, correspondem os territórios materiais. De fato, assim como o social, racional ou o contratual podem se compreender numa perspectiva linear e histórica que foi a modernidade, também a socialidade emocional e empática tem necessidade de um espaço para desabrochar." (1990, p.333)

Isso que Maffesoli chama de estratos, são os vários departamentos da vida do sujeito. Algumas instituições, como família, religião e trabalho, são conhecidas do sujeito e cumprem sua função socializante. Isto é, a partir de seus núcleos o sujeito passa a estabelecer relações que fortalecem seu espaço na sociedade. Outros, como os grupos que agregam pessoas que têm os mesmos hobbies, entusiastas de um mesmo esporte, apreciadores de um determinado estilo musical, são eleitos pelo sujeito como representativos de si e de como ele se vê em relação aos seus pares e à sociedade ao seu redor. Sob nenhuma forma, esses estratos são excludentes. O máximo que se pode observar é que eles promovem uma diversidade de atuações, uma multiplicidade de papéis desse sujeito. Este passa a ter que se comportar conforme os códigos daquele grupo que está freqüentando no momento. O aspecto interessante desse raciocínio é que, ao eleger os grupos ou tribos a que o sujeito quer se ligar, ele o faz privilegiando os aspectos prazerosos dessa escolha. Essa eleição também é norteadada pelo que o sujeito considera como do âmbito do lazer cotidiano. Há uma valorização extrema do ato do sujeito identificar-se com o que está à sua volta.

Maffesoli acha que os sistemas de comunicação de massa e a publicidade têm importante papel nessa escolha. Mas a verdade é que o fenômeno da comunicação de massa e a força que assumiu a publicidade em nossos tempos não são mais do que uma resposta aos anseios do sujeito contemporâneo de se ver representado. Seria uma tendência natural, característica da época pós-moderna, percebida pelos instrumentos de

comunicação e levada a cabo por nossas várias mídias. O sujeito se vê capaz de mudar sua trajetória ao sabor de seus desejos. Todas as possibilidades e alternativas estão anunciadas e à sua disposição. É uma autêntica demanda hedonista, descrita aqui por Maffesoli.

O sujeito está nos shoppings, consumindo o artigo da moda; está nos shows, se comportando e se vestindo como dita o ritmo da música; está nos grandes engarrafamentos, em busca de um mesmo lugar para passar as férias de verão com milhares e milhares de outros sujeitos. Esse estar-junto evidencia uma necessidade de participar de um movimento grupal, agregador, identificatório onde mais do que atender uma demanda individual, o sujeito busca outros, que como ele participam e elegem aquele espaço como significativo, como marcante da atenção que ele dedica ao seu próprio prazer. Ele escolhe participar desses movimentos de acordo com suas carências e necessidades afetivas. Seus gostos e interesses são os principais motores na escolha por esta ou aquela tribo em particular.

O ato de procurar estar junto, de participar dessa ou daquela tribo, seguindo seus hábitos e modos próprios de se vestir e se comportar, acarreta também uma capacidade do sujeito de se multiplicar. Essas tribos tanto podem ser formadas por partidários de um mesmo hobby, apreciadores de um mesmo tipo de música ou adeptos de um mesmo esporte. O que convém sublinhar é que, também nesses grupos, há uma série de códigos e modismos a serem internalizados - da mesma forma que nas instituições já mencionadas: família, religião e trabalho -, fazendo do sujeito mais uma vez uma espécie de ator de si mesmo. Maffesoli indica: *"Não sendo nada, estamos sempre em outro lugar além de onde nos esperam, somos sempre outra coisa além do que nos crêem ser. Somos vários."* (1990, p.313)

Essa multiplicidade de atuações representa simplesmente a capacidade desse sujeito de operar em cada um dos grupos que frequenta de maneira apropriada e aceita pelos outros participantes do mesmo grupo. Assim é que o empresário, que, durante o dia, trabalha atrelado a um telefone, exercendo e dando conta de todas as responsabilidades de seu cargo, à noite, sente-se

à vontade para vestir-se de roqueiro e balançar-se ao som alucinante do heavy metal. Esse mesmo sujeito, nos fins de semana, participa dos almoços familiares seguindo a conduta esperada por seus entes queridos. Pode, ainda, marcar com seus amigos um programa light, uma pescaria, por exemplo, onde mais do que atender à sua necessidade de liquidar a maior quantidade de peixes possível, pretende estar junto de outros que, como ele, valorizam os momentos de lazer e enriquecem o seu cotidiano com experiências compartilhadas. Em ainda outro momento, esse sujeito pode encontrar-se atrelado a seu computador numa partida duríssima com um australiano que ele nunca viu pessoalmente mas com quem compartilha o hábito de jogar xadrez. O sujeito aqui descrito procura aproveitar as oportunidades que lhe são oferecidas buscando o maior prazer possível de cada uma de suas vivências.

NOVO COMUNITARISMO

O trabalho de Maffesoli, no sentido de escrutinar e descrever o que ele considera como características de um novo comunitarismo, possibilita interessantes reflexões acerca de nossas sociedades contemporâneas. O aparecimento de um conceito como o de socialidade, que, mais do que explicar as novas formas de organização social, dá espaço para a observação dos aspectos lúdicos, imaginários e cotidianos da vida do sujeito, facilita o entendimento de toda a reorganização ética que estamos vivenciando nos tempos atuais. O sujeito passa a valorizar o outro como um par, um companheiro, mesmo que de forma efêmera e pontual. O estar-junto, mesmo que, em alguns casos, por uns poucos instantes, reforça o sentido de comunhão, de divisão de um mesmo espaço, com bases absolutamente afetuais. O ideal comunitário é o norteador desses movimentos grupais, aquilo o que explica e dá significação a esses movimentos, possibilitando que o sujeito crie um espaço de exercício de si mesmo, de acordo com o que culturalmente pôde eleger como interessante e prazeroso. As tribos são o receptáculo, o espaço mesmo onde o sujeito, na busca por outros que

compartilhem seus interesses e paixões, pode aproveitar seus momentos de lazer e desligar-se das pressões cotidianas e dos grilhões institucionais sem abdicar do convívio com outros.

Todas as considerações já apresentadas sobre a obra de Maffesoli reforçam a noção de que podemos entender as novas tecnologias, principalmente os computadores interligados em rede, como mais um exemplo da ânsia do sujeito em estar ligado a outros sujeitos. A apresentação da Internet e das salas de chat do IRC, no próximo capítulo, reforça a idéia de um novo comunitarismo, uma nova maneira de estar junto, convivendo com outros sujeitos.

2 - Conectando os sujeitos: um escopo da Internet e das salas de chat do IRC

No capítulo anterior foram expostos os conceitos de Michel Maffesoli que considero importantes para o desenvolvimento de minha pesquisa sobre as salas de chat do IRC.

Procurei introduzir as idéias desse autor a respeito do neotribalismo. Como já foi visto, o neotribalismo se caracteriza pelo agrupamento dos sujeitos em torno dos mesmos interesses. De maneira efêmera e na ausência de um projeto comum, os sujeitos procuram conviver com outros que como eles partilham os mesmos gostos e preferências. Como não existe um compromisso desse sujeito com a tribo ou o grupo que frequenta, é comum que ele participe de mais de uma ou de várias tribos concomitantemente.

Apresentei suas idéias sobre o "estar-junto à toa". Maffesoli defende que o cotidiano do sujeito assume uma grande relevância. A procura por outros sujeitos que, como ele, têm determinados gostos e preferências, é a resposta à necessidade de valorizar os períodos de lazer. O sujeito busca se agregar a grupos vários, vivendo experiências com outros sujeitos. Essa aproximação entre os sujeitos passa a ser primordial para a constituição desses grupos. Seria a cultura do sentimento, descrita por Maffesoli.

Discorri, ainda, sobre o ideal comunitário, descrito por Maffesoli como grande mola propulsora na formação dos atuais grupamentos sociais do sujeito. O ideal comunitário seria a tônica desse movimento, onde o sujeito elege uma determinada tribo em função de suas preferências e dela se afasta quando cessa o prazer de estar-junto. A ascendência desse ideal comunitário permeia as sociedades contemporâneas e promove as novas formas de agregação social, como já foi visto. Ele promove, nos sujeitos, o que Maffesoli chama de tribalização do mundo e a cultura do sentimento. Estes seriam os fatores agregadores.

De uma forma resumida, posso dizer que as idéias de Maffesoli sobre as mudanças ocorridas na forma de os sujeitos se relacionarem nos dias de hoje parecem atender aos fenômenos observados pelo desenvolvimento tecnológico atual e à maneira como as pessoas estão se utilizando da Internet e seus vários ambientes, principalmente as salas de chat do IRC, objeto deste estudo. Como já mostrei, os fatores apontados como determinantes para essa mudança nas relações entre os sujeitos são: a mudança de paradigma, que Maffesoli identifica na passagem da Modernidade para a Pós-Modernidade e, também, o advento do Ideal Comunitário e da Idéia Obsedante de Estar-Junto.

Neste capítulo, pretendo discorrer sobre a Internet e o IRC e sobre os autores que estão se preocupando em estudar e entender estes mesmos fenômenos. Pretendo também aprofundar o pensamento de Maffesoli no que se refere ao desenvolvimento tecnológico e sua contribuição para o fortalecimento do Ideal Comunitário.

INTERNET E CIBERESPAÇO

A Internet, como já é de domínio público, é a rede mundial de computadores conectados e interligados. O objetivo primeiro da Internet era a comunicação de dados através desses computadores. Observa-se, porém, que estas redes são mais do que um simples meio de comunicação. Elas oferecem suporte a um espaço simbólico que abriga um vasto leque de atividades sociais, sendo o lugar das práticas e representações dos diferentes grupos que o freqüentam.

William Gibson (1984), um dos expoentes da literatura cyberpunk, cunhou o termo "ciberespaço" para designar esse espaço simbólico. Podemos defini-lo como o lugar virtual criado pela conjunção das diferentes tecnologias de telecomunicação e telemática, em especial, mas não exclusivamente, as mediadas por computador. Seria um lugar complexo e heterogêneo, no

interior do qual se estabelecem as mais diversas e variadas formas de interação, tanto entre sujeitos, quanto entre sujeitos e máquinas e, inclusive, entre máquinas. Alguns autores estão se interessando em estudar essas formas de interação.

Pierre Lévy é um exemplo. Filósofo francês, Lévy vem, nos últimos anos, desenvolvendo todo um trabalho sobre as implicações culturais das novas tecnologias. Seus livros mais recentes têm sido todos dedicados a desenvolver teorias acerca das mudanças que estão ocorrendo em função do rápido desenvolvimento tecnológico e sua repercussão na vida cotidiana dos sujeitos. Em *Cibercultura* (1997), Lévy apresenta sua definição para ciberespaço: "O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo." (1997, p.17)

Assim como Pierre Lévy, a psicóloga Sherry Turkle tem se interessado pela Internet como objeto de estudo. Em seu livro *Life on the screen: Identity in the age of the Internet* (1995) ela se propõe a investigar como estão se relacionando os usuários dos MUDs*, mundos virtuais, e o impacto dessas relações na construção da subjetividade desses sujeitos. Para a autora, o fato de estarmos, cada um de nós, conectados e freqüentando a Internet gera transformações na nossa forma de ver e pensar o mundo. Em relação ao ciberespaço, ela diz: "The use of the term cyberspace to describe virtual worlds grew out of science fiction, but for many of us, cyberspace is now part of the routines of everyday life. When we read our electronic mail or send

* MUDs se refere a uma modalidade de bate-papo virtual onde os integrantes assumem papéis e personagens. O ambiente é um mundo virtual, construído nos moldes do mundo real e, que, através da realidade virtual, recria locais e instituições de nossa sociedade.

postings to an electronic bulletin board or make an airline reservation over a computer network, we are in cyberspace. In cyberspace, we can talk, exchange ideas, and assume personae of our own creation. We have the opportunity to build new kinds of communities, virtual communities." (1995, p.9)

Outra autora, Ana Maria Nicolaci-da-Costa (1998), que, em seu livro Na Malha da Rede – Os impactos íntimos da Internet, através de entrevistas com usuários de Internet, realizou um estudo aprofundado sobre as impressões que as novas tecnologias estão oferecendo para o cotidiano dos sujeitos contemporâneos, coloca, sobre o ciberespaço: "...*Espaço sem existência física, local não físico, espaço não real. Estas e outras caracterizações são importantes para percebermos o quanto é difícil – para aqueles que, imersos na nova realidade, tentam fazê-lo – conceber o ciberespaço como uma ilusão ou uma obra do imaginário coletivo. O constante recurso a palavras como lugar e local parece indicar que os usuários percebem o espaço virtual como tão concreto quanto o espaço real.*" (1998, p.81)

Espaço simbólico, universo oceânico de informações, lugar virtual, todos esses termos nos sugerem características territoriais; eles remetem ao termo território. No caso do ciberespaço, por se tratar de um "território" da ordem do simbólico, imaginário, já que não existe material ou geograficamente, devemos relativizar nossa compreensão para realmente entender o que esses autores estão percebendo como diferente nas formas como hoje interagimos através do computador. No ciberespaço, estamos em algum lugar sem realmente estarmos. Na verdade, estamos em frente ao monitor de nossas máquinas, mas o produto de nossa interação, o nosso eu projetado na tela, está em vários outros lugares diferentes. No momento em que me encontro fazendo compras em um shopping virtual, geograficamente não estou em shopping nenhum, pois é impossível determinar coordenadas terrestres para especificar minha localização. No entanto, estou de fato fazendo compras e o produto de minha ação estará sendo entregue em minha residência em poucos dias. Quando me encontro em uma conversação

on line com outros sujeitos, não tenho a sensação de que esses outros estão dentro da minha casa, conversando comigo e partilhando de meu universo material e privado, bem como também não estou no universo privado deles. Estamos em algum lugar do ciberespaço, interagindo em tempo real, ocupando um espaço que, apesar de simbólico, nos dá a impressão de um lugar, um ambiente, próprio para conversas e interações várias.

Quando afirmo que devemos relativizar nossa compreensão quero dizer que, apesar de considerar difícil compreender como, no caso do ciberespaço, estamos sem realmente estarmos, devemos considerar o fato de que o desenvolvimento tecnológico está possibilitando novas formas de exercer o que Maffesoli, no capítulo anterior, descreve como socialidade e essa tendência atual de os sujeitos se aproximarem uns dos outros.

Maffesoli não se ocupou das novas tecnologias para embasar seu trabalho, mas entende que estas servem ao modelo por ele proposto para explicar as novas formas de agrupamentos nas sociedades modernas. No livro No Fundo das Aparências (1990), já apresentado no capítulo anterior, Maffesoli diz: *"...o espaço social da pós-modernidade integra também um território que seja, de algum modo, uma 'cosa mentale', uma espécie de materialidade mística. O exemplo mais simples pode ser dado pelas implicações do videotexto [minitel na França, equivalente às salas de chat da Internet], ou outros meios de telecomunicação que permitem esse curto-circuito do tempo e do espaço. Sem falar da aldeia global, é certo que o desenvolvimento tecnológico de ponta dá uma outra perspectiva do espaço social, uma perspectiva diferente das do isolamento ou da gregriedade às quais estamos habituados."* (1990, p. 263)

Maffesoli em nenhum momento de seu trabalho se refere especificamente ao ciberespaço, mas parece claro que ele considera as novas formas de se relacionar através da tecnologia como um produto dessa tendência, que ele chama de pós-moderna, onde os sujeitos procuram se agrupar com outros em função de seus gostos e interesses. O ciberespaço oferece muitas oportunidades nesse sentido.

As atividades sociais engendradas no ciberespaço possuem diferentes níveis de intensidade – podem variar de um pertencimento sólido e continuado, com um intenso engajamento em atividades coletivas, até participações esporádicas e descompromissadas –, que devem ser determinados contextualmente, de acordo com a situação de cada caso específico. Com isso quero dizer que, nas várias possibilidades de interação social no ciberespaço, podem-se encontrar muitas alternativas de relações sociais. As listas de discussão, os chats do IRC, os webchats e mesmo os programas de conversa ponto a ponto, como o ICQ, sugerem uma variação nas características e na intensidade da relação proposta. Essa variação permite que o convívio promovido tenha ou não caráter grupal. Isso significa, em alguns casos, que a comunicação também pode se dar de maneira simples, nos moldes da comunicação telefônica. No caso do convívio cotidiano de caráter grupal, costuma-se chamar aquele grupo de comunidade virtual.

COMUNIDADES VIRTUAIS

Nos grupos de pessoas que se encontram para participar de bate-papos mediados pelo computador, como é o caso do IRC, ICQ e web chats, pode-se especular se existem ou não traços de comunidade; ou melhor, em que medida são encontrados no grupo sinais de pertencimento e qual a densidade destas redes de relações sociais.

Lévy (1997) defende que o desenvolvimento das comunidades virtuais se apóia na interconexão. Afirma que uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, sempre independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. Sustenta que: *“Para seus participantes, os outros membros das comunidades virtuais são o mais humanos possível, pois seu estilo de escrita, suas zonas de competências,*

suas eventuais tomadas de posição obviamente deixam transparecer suas personalidades." (1997, p. 129)

Lévy chama ainda atenção para o fato de que os vários sujeitos adeptos de um determinado hobby ou interesse, que antes estavam dispersos pelo planeta, muitas vezes isolados ou ao menos sem contatos regulares entre si, dispõem agora, com a Internet, de um lugar familiar de encontro e troca. Lévy sustenta que: *"...as assim chamadas comunidades virtuais realizam de fato uma verdadeira atualização (no sentido da criação de um contato efetivo) de grupos humanos que eram apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço."* (1997, p.130) Sugere a expressão comunidade atual, no lugar de comunidade virtual, como mais adequada para descrever os fenômenos de comunicação coletiva no ciberespaço. Neste ponto, Lévy pode ser entendido do ponto de vista de Maffesoli, pois, como este, percebe que as comunidades atuais seguem novos padrões de agrupamento e aproveitam-se das novas formas de interação.

Maffesoli, em seu livro O Tempo das Tribos (1988), ressalta o fato de que a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade, se faz no quadro de uma rede de comunicação. Mesmo mencionando que se trata de uma metáfora, Maffesoli fala de uma "multidão de aldeias" que se entrecruzam, se opõem, se entreeajudam, ao mesmo tempo que permanecem elas mesmas. Nas palavras de Maffesoli, o que delimita essas aldeias, pode, na verdade, ser um espaço concreto, mas também pode ser uma "cosa mentale", pode ser um território simbólico, qualquer que seja sua ordem, mas que nem por isso é menos real.

Para Maffesoli, o sentimento de pertença pode ser reafirmado pelo desenvolvimento tecnológico. Diz a esse respeito: *"... o cable, as firmas que veiculam informática (lúcidas, eróticas, funcionais etc.), criam potencialmente uma matriz comunicacional de configurações e com objetivos diversos."* (1988, p. 194) De acordo com Maffesoli, o sujeito se junta a tal ou qual grupo, se liga a tal ou qual atividade e, através de múltiplos vieses - o minitel seria um entre tantos -, se constituem "tribos" esportivas, de amigos, sexuais,

religiosas, entre outras. Cada uma delas tem durações variáveis de vida, conforme o grau de investimento de seus protagonistas. Como destaca Maffesoli, cessando o prazer de estar-junto, cessa o vínculo que une o sujeito àquele grupo ou tribo.

O elemento de coesão desta comunidade indicaria a utilização de um critério espacial. A metáfora de espacialidade seria a mais próxima da noção de pertencimento a um determinado ambiente de sociabilidade virtual. É deveras importante a percepção de que o ciberespaço, com suas características peculiares – relação espaço-tempo, anonimato, caráter efêmero, relação sujeito-sujeito e sujeito-máquina –, engendra situações outras de agrupamento entre sujeitos, diferentes das que nos acostumamos a estudar. Os ambientes do ciberespaço promovem uma gama de relações sociais tão grande quanto a existente off-line, mas as características destas no ciberespaço as diferenciam em vários aspectos.

O conceito de ambiente no ciberespaço é usado em contrapartida ao de plataforma, consistindo esta das configurações técnicas que dão suporte à sociabilidade on-line, dos programas e de suas conexões. Os ambientes, por sua vez, correspondem aos espaços simbólicos engendrados pelos grupos, dentro dos quais transcorrem as práticas societárias, podendo ser constituídos por mais de uma plataforma. No caso do presente trabalho, a plataforma é o programa MIRC e o ambiente são salas de bate-papo do IRC. Essa relação plataforma-ambiente só tem importância na medida em que coloca à disposição do sujeito uma nova alternativa para interagir socialmente com outros. A escolha, tanto da plataforma, quanto do ambiente, vem ao encontro de sua preferência de como se relacionar, se em grupo ou pontualmente, e de que tipo de programa utilizar, do mais simples ao mais elaborado. Todos eles trazem em seu escopo as condições para favorecer o surgimento das já mencionadas comunidades virtuais.

Escobar (1994) oferece uma definição bastante clara sobre o termo Comunidade Virtual, já de uso corrente na Antropologia Contemporânea: *"Virtual communities are formed by groups of people who relate to each other*

mainly through a computer medium such as eletronic mail and specialized networks (...). (1994, p. 218)

Hamman (1998), na introdução ao número temático sobre comunidades virtuais do *Cybersociology Magazine*, refere-se a um artigo que elenca 94 definições diferentes de comunidade. Ele tenta sintetizar todas estas definições da seguinte forma: *"The sociological term community should be understood here as meaning (1) a group of people (2) who share social interaction (3) and some common ties between themselves and the other members of the group (4) and share an area for at least some of the time."* (1998)* Esta definição generaliza os elementos básicos para as relações de socialidade e parece dar conta das relações dinâmicas e fluidas do Ciberespaço.

Cada sujeito relaciona-se em seu cotidiano com diferentes comunidades de sentido, habita simbolicamente diferentes tribos. Mesmo em sua vivência no Ciberespaço, os códigos, estruturas, temas, enfim, o conjunto inteiro de seu personagem varia de acordo com o grupo. A tela do computador passa a ser o território de ação desse sujeito. É nela que as idéias se materializam em signos e os valores éticos e estéticos passam a ser compartilhados por todos os membros desse grupo. Através da tela é que se desenvolve todo o ritual de passagem para o espaço virtual. É nesse pequeno espaço que o Outro se faz presente.

Turkle (1995) faz interessantes colocações sobre a tela do computador: *"Are we living life on the screen or life in the screen? (...)...the computer offers both new models of mind and a new medium on which to project our ideas and fantasies. Most recently, the computer has become even more than tool and mirror. We are able to step through the looking glass. We are learning to live in virtual worlds. We may find ourselves alone as we navigate virtual oceans,*

* Referência retirada da Rede. Não tem numeração de páginas.

unravel virtual mysteries, and engineer virtual skyscrapers. But increasingly, when we step through the looking glass, other people are there as well." (1995, p. 9)

Não interessa discutir, neste trabalho, se estamos vivendo uma vida em frente à tela ou dentro dela. O que interessa ressaltar com as colocações de Turkle é que uma determinada relação se estabelece entre o sujeito usuário da Internet e a tela de seu computador. A tela de seu computador seria a porta de entrada para um cotidiano de experiências novas e prazerosas, onde, de repente, o sujeito descobre não estar sozinho. A tela do computador, enquanto acesso para o ciberespaço, é uma espécie de território simbólico compartilhado por todos os usuários. Esse território simbólico é dividido em vários ambientes. Os sites, ou homepages, seriam sua expressão mais conhecida e divulgada. Um outro ambiente seriam os chats e o IRC, este último sendo um dos possíveis ambientes de chat.

IRC

O IRC (Internet Relay Chat) é um ambiente de chat povoado por centenas de salas de bate-papo. Estas têm nomes que pretendem indicar algo que seria característico daquela sala e do assunto que se considera como seu tema. Assim é que existem canais com nomes derivados de faixa etária (#40anos, #25a35anos), outros com nomes de cidades (#jampa, #rio) e assim por diante, sem que exista qualquer regra fixa na elaboração desses nomes.

Nicolaci-da-Costa (1998) explica: "...um canal do IRC é um ponto de encontro virtual, onde as pessoas se conhecem e conquistam amigos – e até mesmo parceiros amorosos – a partir de toques de teclado que envolvem um uso de linguagem bastante distanciado daqueles aos quais estamos acostumados. Em outras palavras, sentado à frente de sua tela, você escolhe um canal, ou seja, o seu ponto de encontro virtual, a partir de suas áreas de interesse: música, cinema, religião, gays, cientistas, hackers, sexo etc. Uma vez

conectado, você escolhe um nickname (apelido) pelo qual será identificado (a comunicação é anônima) e passa a ler as mensagens dos outros e digitar as suas. Todas as mensagens aparecem imediatamente nas telas dos computadores de todos aqueles que estão conectados àquele canal naquele exato momento. No IRC toda a conversa é online – ou seja, um digita e os outros lêem logo depois – e pública, a não ser quando são trocadas mensagens privadas em telas separadas, depois de travado o primeiro contato.” (1998, p. 162/163)

Além de interagir em tempo real, o sistema possibilita trocar mensagens com vários usuários ao mesmo tempo. O que se escreve no canal é visto por todos os outros participantes. A possibilidade de se relacionar com vários sujeitos ao mesmo tempo - como em uma festa, onde se circula de grupo em grupo – sem sequer ter que sair de casa traz uma ampliação das formas de interações sociais.

Os apelidos – nicks - dos usuários que estão freqüentando determinado canal naquele momento aparecem na tela em forma de lista. Os sujeitos podem abrir várias janelas – telas - e conversar em canais diferentes ao mesmo tempo, usando ou não o mesmo nick.

Algumas características dessa nova forma de interagir socialmente devem ser apontadas. Nas relações sociais tradicionais, no “mundo real” – o mundo real aqui considerado como uma expressão que ocuparia um referencial oposto ao mundo virtual, ambiente deste trabalho. No “mundo real”, quando o sujeito conhece uma pessoa pela primeira vez, o encontro se dá fisicamente. A partir deste contato inicial, e à medida que este conhecimento se aprofunda, trocam-se informações, identificam-se pontos em comum, enfim, criam-se laços de afinidade. Nas comunidades virtuais, a exemplo das salas do IRC, o processo é inverso. Interage-se inicialmente a partir de interesses comuns, previamente determinados, e, só então, quando é possível, os sujeitos encontram-se fisicamente. Às vezes as conversas são vazias ou superficiais, não resultando em nada mais do que um simples bate-papo sobre banalidades e bobagens. No entanto, em alguns casos, laços de

afinidade se formam entre os sujeitos que se encontram cotidianamente nas salas, culminando em relações mais sólidas, que podem inclusive ultrapassar o contexto dos chats. Quando esses sujeitos se encontram off-line já existe um repertório comum que foi construído antes deles se conhecerem fisicamente. Esse repertório é formado pelo que um sujeito disse sobre si nas conversas no chat, ou sobre o que o sujeito acredita saber ou conhecer sobre o outro com quem conversa.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste momento, penso ser interessante estabelecer algumas considerações sobre o que escrevi no primeiro capítulo e o que apresento neste segundo capítulo.

Ao escolher como referência o trabalho de Maffesoli, acreditava que suas idéias acerca das mudanças de paradigma com o advento da pós-modernidade e seus conceitos de ideal comunitário e idéia obsedante de estar-junto poderiam ajudar a entender a forma como os sujeitos se apropriam das novas tecnologias e utilizam suas possibilidades principalmente a Internet e as salas de chat no IRC.

Coloquei, ao longo deste segundo capítulo, o meu entendimento, bem como o de alguns autores, sobre as novas tecnologias e as novas formas de relacionamento que estão surgindo a partir destas tecnologias. Acredito que, com isso, construí um ambiente geral, onde pude apontar características importantes desse novo universo, a Internet.

A partir de agora, coloco um pouco de lado as considerações gerais sobre Internet e procuro me aprofundar um pouco mais sobre como as pessoas, ou sujeitos usuários da Internet, estão podendo se relacionar, principalmente no IRC. Para isso, contarei com alguns autores que tratam especificamente das relações travadas no IRC, como é o caso de Nicolaci-da-Costa (1998), e

outros que, mesmo não tecendo considerações sobre a Internet ou o IRC, oferecem interessantes subsídios para entendermos o que promove nos sujeitos a confiança no uso cotidiano das salas de chat de IRC, como Anthony Giddens (1990).

Pretendo, ao desviar meu foco para os frequentadores do IRC, oferecer bases para a continuidade da minha explanação e para a demonstração do resultado deste trabalho, em um capítulo posterior.

SUJEITOS NO IRC

Anthony Giddens, em seu livro As Conseqüências da Modernidade (1990), faz, como ele diz, um ensaio sobre a modernidade. Ele critica os autores que falam em pós-modernidade, pois acredita que o que estamos vivendo é uma continuação das mudanças que a modernidade operou nas formas e meios de vida da sociedade e que repercutem até os dias de hoje. Diz: *“Em vez de estarmos entrando em um período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes.”* (1990, p.13).

Essa visão de Giddens sobre a desconsideração de termos como pós-modernidade para explicar as sociedades atuais, se opõe à colocada por Maffesoli que entende a época atual como uma mudança de paradigma. No entanto, independentemente da discussão acerca das diferenças entre modernidade e pós-modernidade, que não é sugestão central deste estudo, o trabalho de Giddens oferece interessantes colocações de como a vida social das sociedades contemporâneas vem sendo modificada nos últimos séculos.

Em seu livro, Giddens demonstra sua idéia sobre os mecanismos de encaixe e desencaixe dos sistemas sociais. Em sua proposta, esses mecanismos dependem da separação entre espaço e tempo. Por desencaixe Giddens se refere *“... ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de*

interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço." (1990, p. 29)

Giddens distingue dois tipos de mecanismos de desencaixe intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento das instituições sociais modernas. Ele os chama de criação de fichas simbólicas e estabelecimento de sistemas peritos. Um tipo de ficha simbólica seria o dinheiro. O dinheiro permite a troca de qualquer coisa por qualquer coisa, independentemente das características intrínsecas destas. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço.

Já o outro mecanismo de desencaixe, os sistemas peritos, são entendidos pelo autor como "(...) *sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam várias áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje.*" (1990, p. 35)

Assim, confio que meu médico vá me curar, embora não me seja possível checar todo o seu conhecimento de medicina. Confio que minha casa não vá cair, independentemente de conhecer todos os cálculos que o arquiteto realizou para construí-la.

Giddens garante que todos os mecanismos de desencaixe dependem da confiança. Aponta a confiança como envolvida de maneira fundamental com as instituições da modernidade. A confiança é descrita por Giddens como "*a crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico).*" (1990, p. 41).

Essa confiança, no entender de Giddens, é intrínseca ao sujeito em sociedade. O sujeito, em sua relação com o mundo e com os outros, parte de determinados pressupostos. Confia que o mundo e que os outros sujeitos, uma vez legitimados e inseridos na mesma sociedade, se comportarão de

uma mesma maneira, já previsível. Atenderão, também, a determinados requisitos sociais, de modo a continuar pertencendo ao corpo social.

Essa previsibilidade, no entanto, é muito mais característica de determinadas situações vividas em sociedade. Por exemplo, as relações comerciais e profissionais. Giddens acredita que as relações pessoais, as situações onde o sujeito vê-se levado a dividir seu universo privado com outros sujeitos, instauram algumas características próprias na forma de exercer essa confiança.

Em certo ponto de seu livro, Giddens defende que: *"A confiança em pessoas não é enfocada por conexões personalizadas no interior da comunidade local e das redes de parentescos. A confiança pessoal torna-se um projeto a ser trabalhado pelas partes envolvidas, e requer a abertura do indivíduo para o outro. (...) Relacionamentos são laços baseados em confiança, onde a confiança não é pré-dada mas trabalhada, e onde o trabalho envolvido significa um processo mútuo de auto-revelação."* (1990, p. 123)

Giddens, com seu enfoque, marca bem a importância da vivência cotidiana no estabelecimento da confiança entre os sujeitos.

Dentro dessa perspectiva, a maioria dos sujeitos estaria apta a travar relações com outros sujeitos, independentemente de certezas visíveis, como as oferecidas pela comunidade local ou redes de parentesco. O sujeito, ao longo de uma relação com um outro sujeito, que a princípio lhe é estranho, vai possibilitando que se estabeleça uma rede de comunicações que propicia ao outro sujeito conhecê-lo e fazer-se conhecer, em busca de um possível relacionamento íntimo, seja ele amoroso, sexual ou de amizade.

No caso do IRC, essa confiança se torna essencial para o começo de qualquer tipo de relacionamento virtual, pois, pelas características das salas de chat, temos que nos ater, a princípio, e na maioria das vezes, ao que o outro diz, ou digita, de si mesmo. Afinal, sendo a comunicação mediada por computador estabelecida através do monitor, não restam muitas opções. Um

sujeito que escolha se comunicar com outro nas salas de chat, o fará através de texto digitado. O mesmo acontece com o outro sujeito com quem este conversa. De maneira relativa, confiamos* que ali, do outro lado da tela, existe realmente um outro sujeito e que este sujeito é e pensa o que digita em sua tela. Se não existir essa confiança, não estaremos estabelecendo uma comunicação de qualidade, ou mesmo com a proposta de um eventual vínculo. Independente de existir ou não a proposta de um eventual vínculo, o hábito de frequentar as salas de chat torna os sujeitos aptos a confiar que ali, com ele, estão outros sujeitos, em busca de ambientes afins e de uma convivência prazerosa.

As reflexões sobre confiança e os possíveis desdobramentos de uma relação entre sujeitos no ciberespaço facilita o entendimento sobre o anonimato. O anonimato é certamente uma das mais proeminentes características das comunicações mediadas por computador, principalmente as ensejadas no IRC.

Os sujeitos que frequentam o IRC não precisam se identificar. Isso significa que eles não precisam se identificar a partir de referências sociais como as conhecemos no mundo real: nome, endereço, sexo, idade etc. Eles escolhem um nick (apelido) e qualquer outra informação sobre si mesmos depende do grau de intimidade e confiança que estão estabelecendo com os outros com quem conversam. Parte-se sempre do princípio de que ali, do outro lado da tela, está alguém que, como você, procurou o IRC para estabelecer um contato com outro sujeito, qualquer que seja a qualidade. Confia-se e

* Existe uma grande repercussão na mídia sobre os fatores que favorecem a desconfiança em relação à Internet e seus usuários. Está bastante claro que o uso da Internet prevê algumas precauções, para que o sujeito não seja exposto além do que é seguro. Isso no entanto não impede que, no curso de uma relação pessoal, o sujeito baseie-se na confiança descrita nesse trabalho para estabelecer novos contatos e empreender relações de maior qualidade com os outros usuários das salas de chat.

assimila-se o que esse sujeito propõe de si mesmo como uma verdade. O anonimato facilita sobremaneira que esse sujeito exponha algo sobre si mesmo ou, até mesmo, encene qualquer personagem, sem que isso incorra numa quebra das relações sociais que estão sendo estabelecidas ali, naquele momento. Com isso, o que quero dizer é que sob o nick está um sujeito que se sente protegido pela tela de seu computador. Ao digitar informações sobre si, ele não se sente obrigado a ser absolutamente verdadeiro. Sente que pode filtrar, medir ou até mesmo modificar aspectos de sua realidade e transmitir isso na comunicação que está estabelecendo com o outro sujeito, através do computador. Essa opção é pessoal, e dificilmente o outro sujeito tem a oportunidade de confirmar a veracidade dessas informações. A confiança se estabelece, então, no contato cotidiano desses dois sujeitos e nas eventuais confirmações sobre o que foi digitado sobre um e outro.

A confiança tanto no que, aos poucos, passamos a conhecer sobre os sujeitos com que interagimos no IRC, como na nossa capacidade de perceber quando estamos sendo enganados é um fator a ser fortemente considerado nas relações que travamos através do IRC. Diria mesmo que é o principal fator estimulante ao desenvolvermos uma relação emocional, de qualquer qualidade, com o chat e com os sujeitos que o freqüentam.

Nicolaci-da-Costa (1998) expõe o que seriam os relacionamentos virtuais, colocando: *"Na realidade "não-real" estão os novos tipos de relacionamento, os chamados relacionamentos virtuais, em que as pessoas se conhecem em canais de bate-papo sem saber que aparência têm, ficam amigas sem jamais terem se visto ou ouvido, namoram e amam sem jamais terem se tocado ou trocado um beijo... O que conta é o que essas pessoas escrevem, pois são relacionamentos via teclado. E, pelo menos no início, elas escrevem sob a proteção do anonimato, dado que, nos canais de chat, as pessoas não usam seus nomes, mas sim apelidos que podem ser trocados segundo a vontade e conveniência do usuário."* (1998, p. 206)

O começo de uma relação nas salas de chat se baseia na confiança de que o outro sujeito, com quem estamos conversando, está digitando dados

verdadeiros sobre si mesmo. No entanto, não nos obrigamos a digitar tudo, ou somente verdades, sobre nós mesmos. O anonimato existe como uma possibilidade de filtrar as informações. Com isso, criamos a possibilidade de, no convívio cotidiano, no uso dos chats, sentirmo-nos mais à vontade para desenvolver uma relação mais sincera e transparente. Deixamos que a relação ganhe mais continuidade e procuramos, através do convívio cotidiano nas salas de chat, afirmar nossas primeiras impressões sobre o outro, facilitando assim a instauração de um relacionamento mais íntimo de qualquer ordem.

Fica pregnante, nesse sentido, que, assim como Giddens defende a confiança como um pressuposto básico para as relações sociais entre os sujeitos, também no caso do IRC isso pode ser considerado. Essa confiança, que Giddens entende como um mecanismo de nossas sociedades para interagir socialmente, também facilita o estabelecimento de contatos e relações nas salas de chat do IRC. O anonimato serve para preservar o sujeito do, até então, desconhecido e reforçar a confiança sobre quem é aquele outro, que se encontra do outro lado da tela do computador.

Nicolaci-da-Costa coloca: *"Todos aqueles que se conectam a um canal de chat pela primeira vez certamente o fazem por um motivo bastante simples: curiosidade. É a exploração deste novo tipo de comunicação bem como aquilo que a mídia divulga a seu respeito que indicam os usos potenciais que o novato dele pode fazer, dado o anonimato que a todos protege.(...)...o fato é que não é somente o outro que se dá a conhecer de uma forma menos contida por conta do anonimato, nós também o fazemos. E isto tem pelo menos duas conseqüências muito importantes. Ao nos revelarmos para o outro, estamos, também, nos revelando para nós mesmos. E, ao observarmos, nesse outro, as reações àquilo que revelamos ser, somos informados do quanto vale aquilo que somos.(...) Quem é assediado porque é muito bonito, numa sociedade que cultua a beleza, pode aprender que os outros apreciam suas opiniões, seu humor, sua inteligência etc. (...) Até mesmo quem cria um personagem (o que acontece com freqüência) vai ter algum tipo de retorno sobre si mesmo. (1998, p. 222/223)*

Nicolaci-da-Costa nos leva a pensar sobre o motivo por que as pessoas se conectam ao IRC nas primeiras vezes: a curiosidade. Isso parece ser um fato, observável por qualquer pessoa que se proponha a investigar as salas de chat. No entanto, em muitos casos, a novidade logo passa e os sujeitos tendem a fazer um uso descontinuado das salas de chat, chegando, por vezes, até mesmo a abandoná-las em função de outros recursos da Internet. Em outros casos, porém, seu uso se torna cotidiano e os sujeitos continuam acessando o IRC ao longo de muitos anos, muitas vezes freqüentando o mesmo canal.

Outra noção proposta por Nicolaci-da-Costa no trecho acima é a de que os sujeitos podem encontrar, na proteção do anonimato, a possibilidade de se experimentarem socialmente.

Turkle, em seu livro Life on the screen – Identity in the age of the internet (1995), nos coloca algo complementar: *“Virtuality need not be a prison. It can be the raft, the ladder, the transitional space, the moratorium, that is discarded after reaching greater freedom. We don’t have to reject life on the screen, but we don’t have to treat it as an alternative life either. We can use it as a space for growth. Having literally written our online personae into existence, we are in a position to be more aware of what we project into everyday life. Like the anthropologist returning home from a foreign culture, the voyager in virtuality can return to a real world better equipped to understand its artifices.* (1995, p. 263)

Como antes pudemos perceber, no trabalho de Giddens, a confiança é a moia propulsora no contato entre os sujeitos e no estabelecimento das relações sociais da modernidade. Especificamente no caso da Internet, e nas salas de chat do IRC, a confiança pode ser adotada como uma importante referência no desenrolar dos relacionamentos virtuais. O anonimato permite que os sujeitos, protegidos pela tela de seus computadores, exponham de si o que lhes interessa. Pode parecer confuso que, sendo a confiança o mote inicial para os sujeitos se relacionarem nas salas de chat, estes mesmos sujeitos sintam-se à vontade para, no uso do anonimato, limitarem e muitas

vezes modificarem as informações sobre si mesmos. A possibilidade de criar e viver um personagem no âmbito da sala de chat é, contudo, somente mais uma das várias formas de, no uso do anonimato, transformar ou comunicar o que interessa, ao sujeito, de si mesmo. O aspecto interessante desse processo de auto-experimentação – personagem - através do IRC é que, na ausência de um relacionamento íntimo entre os sujeitos, não é ofensivo que um sujeito assuma personagens e os desenvolva nos canais de chat. Isto parece fazer parte da dinâmica do chat e não é visto como algo negativo. No entanto, a mentira aliada ao anonimato, quando a proposta entre os sujeitos é de se conhecer melhor e partilhar alguma intimidade, é vista como extremamente perniciosa por todos os freqüentadores do chat.

O que pretendo demarcar no momento é o quanto, em sociedade, não interagimos comumente com estranhos como "pessoas todas", nas palavras de Giddens. Em muitos cenários urbanos, particularmente, interagimos mais ou menos de forma contínua com outros que ou não conhecemos bem, ou nunca encontramos antes, assumindo essa interação a forma de contatos relativamente efêmeros. Esse conceito de estranhos, aplicado no caso do IRC também é um fato, mas não é uma regra, pois, apesar de estranhos a princípio, os freqüentadores do IRC continuam a ser, uns para os outros, desconhecidos por muito tempo. Com isso quero dizer que: eles não se conhecem de fato. Isso, no entanto, não impossibilita que se refiram, uns aos outros, como conhecidos.

Espero que todas as colocações feitas ao longo deste capítulo tenham fornecido a base necessária para a descrição da metodologia utilizada em minha pesquisa, que será apresentada a seguir.

3 - Investigando os sujeitos: Pessoas nas salas de chat do IRC:

Preocupei-me, no primeiro capítulo, em apresentar as idéias de Maffesoli sobre os novos agrupamentos sociais. No segundo capítulo, procurei apresentar o trabalho de alguns autores sobre a Internet. Aproveitei, também, para apresentar algumas idéias, tendo como exemplo a obra de Anthony Giddens, que considere complementares no entendimento de como as salas de chat do IRC e a Internet vêm ao encontro das expectativas dos sujeitos contemporâneos de se relacionarem socialmente - no caso específico desse estudo, no âmbito do mundo virtual. No presente capítulo procuro descrever como me utilizei dos métodos de pesquisa à minha disposição para, dando continuidade a este trabalho, entender melhor o porquê de os sujeitos freqüentarem de forma cotidiana e ao longo dos tempos as salas de chat do IRC.

CONSIDERAÇÕES

Para entender por que os sujeitos freqüentam o IRC cotidianamente e ao longo do tempo, foi necessário realizar uma pesquisa de campo.

O método escolhido para desenvolver essa pesquisa foi o da análise do discurso. Acredito que o instrumento da análise do discurso é o melhor no sentido de permitir observar e estudar o fato dos sujeitos gastarem grande parte do tempo de lazer de suas vidas freqüentando o IRC e se relacionando com outros sujeitos. Os aspectos subjetivos das informações contidas no discurso desses sujeitos permitem que observemos seus sentimentos, motivações e comportamentos.

Já me preocupei em relatar que o interesse por esse campo de pesquisa se dá em função de minha própria experiência freqüentando o IRC, notadamente meus primeiros anos de acesso a Internet. Daquela época para os dias de hoje, fui percebendo que mais do que estar envolvida na descoberta de

novas experiências emocionais com meus "amigos virtuais", queria poder compreender as novas possibilidades de relacionamento, mediadas por um computador e entender o porquê de essas novas alternativas estarem ocupando tanto do tempo que os sujeitos dedicam ao lazer. Acredito que estes fenômenos merecem um estudo mais cuidadoso, metódico e aprofundado por parte dos cientistas das Ciências Sociais e, especificamente, das Ciências Humanas.

Tenho a exata noção do quanto mais difícil esse estudo se torna por englobar aspectos do meu próprio cotidiano e esmiuçar vivências da minha realidade, mas pretendo ser muito cuidadosa no andamento deste para manter uma distância crítica e, assim, possibilitar um documento realmente relevante sobre alguns aspectos dessa nova realidade, o IRC.

Ao longo das entrevistas realizadas durante a pesquisa, muitas vezes me vi identificada com o discurso dos sujeitos. Em alguns momentos, por conta dessa identificação, tinha dificuldade em não presumir, de imediato, o que o outro sujeito me dizia. O sujeito respondia à questão do roteiro e, sem perceber, eu me via completando sua resposta através de minha própria experiência. Isso se deu por se tratar, no caso, de entrevistadora e entrevistados imersos em um mesmo ambiente social. No entanto, acredito que soube reverter essa sensação no sentido de estabelecer uma maior empatia com os sujeitos e, assim, estar à vontade e colocar os sujeitos à vontade para discorrerem sobre suas próprias impressões, vivências e motivações.

Em muitos momentos, após o término das entrevistas, os sujeitos agradeceram a possibilidade de, ao falarem sobre questões que antes eram somente vivenciadas ou sentidas, poderem, de alguma forma, organizar suas próprias impressões acerca do que estavam vivendo no IRC.

OBJETIVOS

No primeiro capítulo procurei, através da obra de Maffesoli, colocar idéias sobre como as pessoas estão encontrando uma nova motivação para estarem juntas, se agregando em seus períodos de lazer, principalmente através de seus interesses comuns.

No segundo capítulo, discorri sobre o surgimento da Internet e a freqüência das salas de chat do IRC como uma nova possibilidade de os sujeitos se relacionarem. Descrevi seu caráter aglutinador e as características que tornam confortável, para esse sujeito, essa nova forma de conhecer outros sujeitos.

O objetivo desta pesquisa é entender por que o sujeito se propõe a gastar uma considerável parte de seu tempo individual, que deveria ser dedicada ao lazer, em frente ao computador e conversando nas salas de chat do IRC. Mais do que saber seus motivos para freqüentar as salas, interessa a este trabalho, entender por que, cessada a novidade de conhecer o IRC, o sujeito continua freqüentando as salas de chat ao longo dos anos e de forma cotidiana.

Será que está se inaugurando uma nova forma de viver comunitariamente? Será que os sujeitos estão encontrando, nas vivências no IRC, aspectos sociais que se tornaram escassos em suas vivências off line? Será que existem novas formas de ser e estar no mundo e o IRC dá novo contorno a essa ânsia de os sujeitos se experimentarem socialmente em um ambiente aparentemente mais protegido?

A partir destas perguntas, tentei compreender o que motiva esses sujeitos a freqüentarem as salas e o que parece significar esse novo comportamento: emoções no uso do IRC; relação entre as vivências on line e off line; impressões sobre os outros sujeitos com quem se relacionam; e, finalmente, o gasto de um tempo considerável, dedicado ao lazer do sujeito.

Procurei não levantar hipóteses, por perceber que o comportamento estudado é um fato muito novo e dificilmente poderia ser analisado sob essa ou aquela perspectiva. Busquei estabelecer um instrumento de pesquisa o mais abrangente possível, não no sentido de abarcar todas as possibilidades do uso do IRC - isso seria improvável e inócuo -, mas no de me permitir fazer um estudo mais geral desse comportamento e ter um menor comprometimento com as peculiaridades dos diferentes grupos que se estabelecem nos canais de IRC.

Com isso acredito que desenvolvi um documento mais relevante para o desenrolar de outras iniciativas, que pretendam melhor entender esse universo virtual que, hoje, encontra-se tão inserido em nossas realidades cotidianas.

Será avaliado, então, na análise desses discursos, como os sujeitos estão vivenciando essa nova forma de se relacionar, e suas possíveis implicações.

SUJEITOS

Foram entrevistados quinze sujeitos, homens e mulheres, com idades e estados civis variados, residentes em várias localidades do Brasil e com escolhas profissionais diversas. Vou explicar o porquê de tanta variedade.

A Internet, como se demonstrou, é um fenômeno mundial. Não existem fronteiras possíveis, com a ressalva do uso da língua. Os sujeitos interagem com outros, de qualquer local do mundo, inclusive os mais longínquos. No caso das salas de chat, a realidade é a mesma. A sala de chat é um local público e o acesso é franqueado a qualquer um que queira frequentá-la. Nesse sentido, creio que seria inoportuno tentar criar uma amostra que atendesse qualquer critério além do de simplesmente frequentá-la de forma cotidiana e há um tempo considerável. No caso dessa pesquisa, procurei

estabelecer o uso cotidiano do IRC há mais de dois anos como o critério selecionador de minha amostra. Por que dois anos?

A iniciativa de frequentar o IRC se dá por curiosidade, como já vimos no capítulo anterior. Os usuários da Internet querem entender como é falar com pessoas de todas as partes, através do computador. No entanto, nem todos assumem essa como uma prática social satisfatória. Muitos não se identificam com o aparente caos e com a superficialidade das salas de chat e acabam abandonando seu uso quando cessa a novidade. Outros persistem por um tempo maior, procurando preencher vazios de seu cotidiano, seja a existência de uma situação de solidão ou o tratamento de uma doença que exige um tempo grande de convalescência, por exemplo. Outros ainda, acabam incorporando a frequência às salas de chat à sua vivência cotidiana e se habitam de tal forma a seu uso que passam um longo tempo utilizando esses contatos no seu dia-a-dia. Esses são os sujeitos que interessam ao propósito desse trabalho. Daí o tempo estabelecido como dois anos é entendido como um critério viável para o desenvolvimento da pesquisa.

O fato de as idades dos sujeitos variarem a partir de uma faixa etária que se inicia com os 25 anos não é mais do que uma coincidência. Apesar de as salas de chat serem públicas, elas aglutinam seus frequentadores a partir de interesses comuns. Os assuntos e maneiras de se comunicar desses sujeitos tornam os canais característicos de tais e quais grupos de pessoas e interesses. Com isso, me vi frente ao fato de, seguindo o critério de tempo de frequência, estar arregimentando sujeitos que também atendem a uma idade mínima.

Procurei fazer as entrevistas com o maior número de sujeitos possível. Ao longo do piloto que utilizei para elaborar o que veio a ser meu roteiro de pesquisa definitivo, entrevistei cinco sujeitos, meus conhecidos. A partir desses meus cinco conhecidos, fui fazendo contato com outros frequentadores que atendiam a meu critério de recrutamento de sujeitos e assim dando continuidade às entrevistas. A principal dificuldade nessa busca era a de que, por hábito, o uso do IRC é mais popular ao longo da

madrugada. Além disto, outros fatores dificultam a permanência on line. A péssima condição de nossas linhas telefônicas fazem com que, em alguns momentos, a conexão seja extremamente instável e, em outros, simplesmente impossível, atrapalhando bastante o período dedicado a arregimentar sujeitos e proceder as entrevistas. Com isso, dei-me por satisfeita quando atingi o mínimo de quinze sujeitos, por entender que esse número já se demonstrava de porte razoável para o desenvolvimento de meu trabalho.

PROCEDIMENTOS

O procedimento adotado para o desenvolvimento desta pesquisa foi a entrevista individual de sujeitos usuários dos canais de chat do IRC.

Os dados analisados foram coletados em entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos. Este modelo de entrevista consta de uma parte estruturada, para a coleta de dados objetivos, e de uma segunda parte elaborada na forma de um roteiro, formado por itens.

O roteiro foi construído a partir de conversas informais com freqüentadores do IRC e da elaboração de um piloto, aplicado a cinco usuários. Esse piloto tinha algumas perguntas que eu acreditava serem pertinentes. Com base nele, pude aprimorar os itens a serem questionados e as categorias a serem consideradas na efetivação de meu trabalho de pesquisa, elaborando assim o meu roteiro definitivo. Os itens do roteiro foram sendo abordados na entrevista na medida em que a conversa girava em torno de algum assunto similar. Assim, foi mais fácil abordar todos os itens de maneira agradável e confortável para o entrevistado. Existiu, de minha parte, o cuidado de garantir que os itens do roteiro cumprissem sua função, que seria: assegurar que todos os entrevistados abordassem os mesmos pontos em seus depoimentos. Não havia a pretensão de seguir essa ou aquela ordem

estabelecida no roteiro em relação aos itens. Em alguns momentos isso acontecia, em outros não.

Este modelo de entrevista possibilitou o acesso, através do discurso, às opiniões, contradições, fantasias e motivações dos sujeitos a respeito dos outros sujeitos que freqüentam o IRC e acerca de seu próprio uso das salas de chat (ver: Nicolaci-da-Costa, 1994).

ENTREVISTAS

Conforme já mencionado, foram realizadas quinze entrevistas semi-estruturadas, com usuários das salas de chat do IRC, que freqüentam de forma cotidiana e há muito tempo esse ambiente.

Na primeira parte, foram coletados os dados objetivos, que se resumiram a: Idade; Profissão; Estado Civil; Município e Estado onde reside; Tempo que freqüenta o IRC; Freqüência com que acessa as salas de chat

Na segunda parte, a entrevista continuou como uma conversa sobre os itens que integram a parte não-estruturada do roteiro.

O roteiro era constituído de nove itens, todos girando em torno do uso cotidiano do IRC por parte dos sujeitos entrevistados. Esses itens eram divididos em sub-itens, para o caso de a entrevistadora considerar que algum aspecto importante daquele tópico não havia sido bem explorado. Nesse caso, era feita uma pergunta um pouco mais específica sobre o assunto, tentando esclarecer melhor, para a entrevistadora, o que o entrevistado estava colocando como sua opinião. Essa segunda parte foi elaborada da seguinte forma:

1 - Que canais escolhe freqüentar e por que (escolha dos grupos, motivações, satisfações)

- 2 – Vínculos estabelecidos
- 3 – O grupo (considerações e aspectos desse agrupamento)
- 4 – Relações e comparações entre as relações on e off line
- 5 – Anonimato (por quê e para quê)
- 6 – Experiências virtuais (opinião)
- 7 – Emoções no IRC
- 8 – Visão sobre as pessoas que freqüentam
- 9 – Opção por esse cotidiano (motivações)

Todas as entrevistas foram combinadas com alguma antecedência e com o acerto de um dia e horário apropriados para o entrevistado. Em um primeiro momento, os sujeitos foram selecionados entre contatos do IRC. Foi exposto o teor do trabalho para que o sujeito tomasse conhecimento do assunto sobre o qual conversaríamos. Quando o número de contatos que atendiam aos critérios de recrutamento começou a diminuir, os sujeitos passaram a indicar outros sujeitos. Havia, então, um contato prévio com esses sujeitos, sendo eles posteriormente abordados nos canais de acordo com os mesmos critérios adotados anteriormente. Todas as entrevistas foram realizadas no próprio IRC. Foi criado um canal privado* onde a entrevistadora e o sujeito podiam ficar à vontade para desenvolver o assunto da entrevista. Acho interessante explicar, também, o porquê da escolha do "local" da entrevista.

Como já foi mencionado, a Internet e o IRC podem ser entendidos como um "território livre". Qualquer pessoa, de qualquer lugar, pode freqüentar qualquer canal. A comunicação, desde que seja numa língua conhecida pelos outros freqüentadores, é amplamente facilitada. O ambiente de IRC, tem, entre outras características, a propriedade de deixar os sujeitos mais à vontade do que em conversas "ao vivo", por exemplo. Isso se dá por que o

*canal privado ou pvt é uma outra possibilidade de sala de chat, dentro do IRC, onde dois sujeitos podem conversar sem serem observados por outros.

anonimato, isto é, o fato de os sujeitos não terem acesso aos dados pessoais dos outros frequentadores, cria um espaço de fantasia. Ali, no IRC, predomina a sensação de que todos podem ser e fazer o que quiserem e isso não repercutirá na sua vida off line. Essa sensação, por sua vez, parece criar um ambiente de liberdade e extroversão pouco comum no cotidiano off line.

Podemos, com isso, imaginar que a conversa on line tem características diferentes da conversa off line, onde os sujeitos estão cara a cara. O fato das salas de chat serem de acesso livre a todos possibilitou que eu entrevistasse pessoas de todos os cantos possíveis, desde que dominassem a língua portuguesa e frequentassem os canais eminentemente brasileiros. Com essa iniciativa enriqueci meu trabalho. Pude renunciar a culturas localizadas e me aproveitei da linguagem mais objetiva e colocada do IRC. Vale a pena chamar a atenção para o produto desse discurso dos chats.

Por se tratar de texto digitado – escrito –, o discurso do internauta, de maneira geral, segue alguns critérios. Ele é econômico, pois tende a ser rápido, e recheado de contrações que facilitam o digitar. Por se tratar de um discurso objetivo, os sujeitos tendem a desenvolver alguns sinais gráficos que denotam expressões. Sobre esse assunto Nicolaci-da-Costa nos coloca: *“...a linguagem nas comunicações ciberespaciais é quase sempre escrita, leve, compacta, econômica e cheia de símbolos brincalhões que poupam palavras e toques. Símbolos para expressar emoções, como em :-) ou em ;-)* (se o leitor não entendeu nada, por favor deite a cabeça sobre o ombro esquerdo, acione a imaginação e olhe de novo; verá uma carinha sorridente e outra piscando o olho); *economizar alguns toques, como em @}-----* (veremos uma flor se olharmos com a cabeça inclinada para a esquerda e a imaginação jovem acionada).” (1998, p.160/161)

De qualquer maneira, independentemente de as características do discurso na Internet serem bastante peculiares, não é o caso de, aqui, me alongar em explicações – esse assunto, por si só, motivaria uma nova tese. O que interessa demarcar no momento é que, ao escolher fazer as entrevistas na própria rede e, mais especificamente, no próprio ambiente de IRC, quis deixar

o sujeito à vontade no ambiente em que ele mesmo escolheu estar e me aproximar o máximo possível de toda a atmosfera característica do IRC e da repercussão, para o sujeito, da forma de se comunicar e relacionar nesse ambiente.

Como já foi dito, foi criado um canal privado, inacessível a terceiros, onde a entrevista se desenvolvia sem maiores interrupções. Os logs – conteúdos - das entrevistas eram gravados a partir do momento em que elas se iniciavam, garantindo, desde aquele momento, o registro de tudo que era conversado no canal privado. O recurso de gravar o log é simples, bastando o apertar de uma tecla na interface do programa, e permite o registro integral daquilo que está ocorrendo na tela do computador.

As perguntas objetivas iniciavam a entrevista e, a partir desta fase, passava-se a uma conversa informal sobre os demais itens do roteiro. Quando algum item não chegava a ser abordado espontaneamente pelo sujeito, este era colocado de forma um pouco mais objetiva, gerando uma outra vertente de conversa sobre os mesmos assuntos (ver: Nicolaci-da-Costa, 1989).

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como já foi mencionado antes, para a análise dos dados foi utilizada a análise do discurso. Isso porque a análise do discurso permite, de acordo com Nicolaci-da-Costa (1989): *"...tornar visíveis processos íntimos que, por serem muitas vezes inconscientes, são desconhecidos mesmo para os entrevistados"*. (p. 105)

Foram utilizados os itens selecionados no roteiro para dar início à análise. Em alguns momentos, esses itens foram divididos em sub-itens, para atender às categorias que foram sendo criadas a partir das entrevistas com os sujeitos.

Foram privilegiados ao máximo os trechos relevantes para a pesquisa. Foi dado espaço para as gírias, hesitações, erros de digitação e outros erros de cada sujeito, tornando o material o mais pessoal possível e um autêntico retrato do estilo e forma de comunicar-se de cada um dos sujeitos (ver: Nicolaci-da-Costa, 1989).

Apesar de, no IRC, não se utilizar nomes pessoais, somente nicks (apelidos), a maioria desses nicks acompanham esses sujeitos ao longo do tempo – são uma forma de criar uma identidade. É mais ou menos como no mundo real: o sujeito, ao entrar no IRC, escolhe um nick e passa a utilizá-lo todas as vezes em que entra nas salas. A partir daí, ele passa a ser reconhecido pelo seu nick, que pode, inclusive, ser registrado, evitando que ele seja utilizado por qualquer outro sujeito dentro de qualquer das salas de IRC. Por conta disso, escolhi mudar os nicks dos sujeitos, na apresentação da pesquisa, de forma a garantir-lhes o sigilo e a intimidade.

Com a análise dos dados, procurei detectar a motivação desses sujeitos para frequentar o IRC cotidianamente e ao longo do tempo. O conteúdo de alguns discursos se mostrou um tanto mais objetivo do que outros, trazendo interessantes conjecturas para o meu trabalho. Pretendo apontar isso mais adiante, na conclusão.

Procurei me esforçar em utilizar as possibilidades do IRC para desenvolver este estudo. A metodologia utilizada buscou oferecer um bom retrato dos fenômenos encontrados nas salas de chat, principalmente os concernentes a: como os sujeitos usam cotidianamente o IRC e ao que os motiva a continuar frequentando-o.

A apresentação dos resultados será importante para a ilustração dos itens e categorias elencados a partir das entrevistas dos sujeitos.

RESULTADOS

Os sujeitos entrevistados para este trabalho não seguem um perfil muito homogêneo, uma vez que, o critério básico para selecioná-los foi que: freqüentassem as salas de chat do IRC cotidianamente e há muito tempo.

A faixa etária desses sujeitos varia de 25 a 51 anos. Suas profissões são variadas, havendo uma predominância entre os que têm curso superior e exercem suas habilitações. Em relação ao estado civil, a predominância é de casados. A localização geográfica dos sujeitos também é variada, predominando os que residem nas regiões Sul e Sudeste. O acesso ao IRC, por parte desses, se dá em média, há 3 anos e meio e sua freqüência às salas de chat tem a média de 3 vezes por semana.

Como foi explicado anteriormente, a análise dos dados seguiu a ordem dos itens do roteiro utilizado nas entrevistas. Em alguns momentos esses itens foram divididos em sub-itens. Isso aconteceu na medida em que se revelou a necessidade de melhor compartimentar o resultado da análise do discurso dos sujeitos.

Procurei ilustrar cada item ou sub-item que foi apresentado nos resultados com alguns trechos dos depoimentos dos sujeitos que, acredito, melhor exemplificam a opinião destes. Os trechos transcritos seguem fielmente a forma como se apresentam nas salas de chat. Apesar de ser uma forma de escrita pouco comum nos meios acadêmicos, achei interessante preservar sua forma. A escrita, por conta destas diferenças, é entrecortada, em muitos casos não acentuada ou sinalizada e bastante objetiva. As palavras que aparecem entre os sinais de "<" e ">" são os nicks dos sujeitos, inseridos pelo programa do computador no momento em que estes digitam.

Como já foi mencionado anteriormente, os nicks aqui apresentados são fictícios, de forma a preservar a identidade virtual dos entrevistados.

Passo, então, a apresentar os resultados, seguindo a ordem do roteiro.

ESCOLHA DO CANAL

Todos os sujeitos alegaram uma mesma razão para freqüentarem rotineiramente os mesmos canais: costume. Os entrevistados sentem-se confortáveis em freqüentar canais onde julgam já ser conhecidos e ter amigos.

O discurso de Narigudo ilustra bem isso:

<narigudo> Por que conheço as pessoas ... tenho preguiça de entrar em outro canal e ficar espiando a conversa dos outros, iniciar aquele processo de conquistar a confiança do pessoal, etc, etc, etc ... vc sabe (42 anos, físico, casado, Belo Horizonte/MG)

Outro motivo mencionado com freqüência foi a empatia com os outros freqüentadores. Os entrevistados citam o fato de encontrar pessoas legais no canal como um bom motivo para continuar freqüentando-o. O discurso de Diguinho demonstra isso:

<Diguinho> já o xik é um caso de amor mesmo.....
<Diguinho> entrei uma vez, conversei com o pessoal e acabei me apegando...
<Diguinho> pessoas interessantes
<Diguinho> algumas com uma conversa gostosa, animada, que te ajuda a relaxar,
<Diguinho> pessoas mais velhas, com experiências para passar, ou mais novas, pra quem vc pode passar algo
<Diguinho> ou pessoas com problemas, a quem vc pode ouvir(?) e teciar algumas palavras de conforto
 (25 anos, publicitário, solteiro, Campinas/SP)

A busca por pessoas com os mesmos interesses, mesma faixa etária e mesma linguagem também reforça o ato de cotidianamente freqüentar os mesmos canais. Essa tendência se mostrou bastante uniforme quando o tema em pauta eram os motivos para freqüentarem aqueles canais há tanto tempo. Um exemplo é o discurso de Mentol:

<Mentol> pq os frequentadores são pessoas mais maduras, e, temos muito em comum, pois falamos a mesma língua

<Mentol> os canais de pessoas mais jovens tb é legal, porém, me sinto melhor nos canais onde os frequentadores são maiores de 30 anos

<Mentol> Quando teço nos canais, gosto de falar de assuntos diversos, porém, nesses canais sinto uma receptividade melhor em relação a ponto de vista nos diversos assuntos

<Mentol> raramente teço em canais de pessoas mais jovens, mas tb encontro pessoas legais

<Mentol> mas prefiro mesmo os canais onde há a participação de pessoas mais maduras

(42 anos, administrador, casado, Toledo/PR)

Fica bem marcado, no discurso dos sujeitos, que o costume de frequentar determinado canal, há muito tempo, está diretamente relacionado com o conforto. O sujeito procura os canais onde considera ser mais fácil encontrar pessoas com os mesmos interesses dele. Se no canal escolhido existir um conhecido, fica mais fácil e confortável permanecer frequentando-o.

AMIGOS

Ao serem questionados sobre os vínculos que imaginam estabelecer com os outros frequentadores do IRC, também parece existir uma unanimidade: a amizade. Por mais que reconheçam que existem outros vínculos possíveis, como o sexual e o amoroso, todos os sujeitos afirmam ter, nas salas de chat, principalmente amigos.

Em alguns casos, se fez necessário, por parte do sujeito, diferenciar a "amizade virtual" do que ele entende como "amizade real". O discurso de Mentol torna isso claro:

<Mentol> sinto-me ligado sim, as vezes com um sentimento muito bonito apesar de virtual, pois ao teciar com essas pessoas, posso perceber os problemas que os afligem...

<Mentol> e também a troca de idéias é recíproca, onde a amizade acontece naturalmente....

<Mentol> muitas vezes faço grandes amizades e o contato virtual fica não sendo o único, pois promovemos IRCcontros onde a amizade se fortifica mais ainda

<Mentol> quando teço na net, falo de coisas que as vezes não falaria ao vivo.. fantasias...medos... e o mesmo acontece com as pessoas..

<Mentol> e com isso, o sentimento as vezes fala mais alto...

<Mentol> e muitas vezes a emoção supera a razão....

<Mentol> a troca de informações, sentimentos, fantasias, isso tudo se fortifica e com o tempo, percebo que...

<Mentol> a net realmente é um ótimo instrumento para o crescimento do individuo, quando utilizado com coerência e responsabilidade

<Mentol> nos canais tem muita gente que nunca tecei, porém, tem outras que teço sempre, e com estas posso dizer que existe um vínculo

<Mentol> um vínculo sentimental até

<Mentol> sentimental, amigo, mas virtual

(42 anos, aAdministrador, casado, Toledo/PR)

Mesmo defendendo a amizade como o vínculo primeiro das pessoas que têm o hábito de freqüentar as salas do IRC no cotidiano, alguns sujeitos se mostram cuidadosos em traduzir em palavras a relação que dizem estabelecer com os outros freqüentadores do canal. O discurso de DJ demonstra isso:

<DJ> algumas pessoas ficam mais proximas...se é que isso é possível...mas sem ligações

<DJ> encontram-nas sempre no canal ou no icq...isso eu considero proximidade

<DJ> trocamos conversa fiada...

<DJ> gosto do humor do irc

<DJ> nao sei como rotular essa "amizade"..digamos...companheiros de relaxamento mental

<DJ> eu uso o irc pra relaxar...tipo higiene mental...

<DJ> ponho pra fora meu instinto humoristico...

<DJ> sempre entro aqui pra brincar....serio...nempensar

<DJ> porque fico mais a vontade...

<DJ> acho que estou entre pessoas conhecidas

<DJ> digamos...intimo o suficiente pra brincar sem comprometimento

<DJ> brinco com as pessoas que me dao esse tipo de liberdade...ou intimidade

(51 anos, consultor, casado, Rio de Janeiro/RJ)

A maioria dos sujeitos, no entanto, se rende a essa possibilidade de estabelecer amizades mediadas pelo computador e assimilam esta prática como natural, cotidiana e similar ao modelo chamado de "real". Eis, por exemplo, o que diz Mimi:

<MiMi> sao amigos, gente q quer ser ouvida
 <MiMi> q quer sentir q tem gente q ainda tem esperanca
 <MiMi> gente bacana q ajuda
 <MiMi> cada um tem um tempo pra ficar por perto
 <MiMi> depois se vao... voltam... como eh a vida real:)
 <MiMi> tem gente q vem soh pra aprender, qdo aprende se manda
 (39 anos, diretora de escola, casada, São José do Rio Preto/SP)

De qualquer maneira, não é pelo simples fato de se conhecerem que os frequentadores se tratam por amigos. Existe uma ligação superficial, de companherismo, nos que convivem cotidianamente. Esse convívio cotidiano vai possibilitando o surgimento das amizades. No encontro de interesses afins e no contato mais amigável, as relações vão se estreitando e se estabelece o que os sujeitos chamam de amizade. Essa é a opinião de Diguinho:

<Diguinho> amizades
 <Diguinho> Não muitas. a Lii, por exemplo, é uma grande amiga, é uma pessoa que ao contrário dos demais
 <Diguinho> preferiu conhecer o Rodrigo [nome verdadeiro] em detrimento do Diguinho
 <Diguinho> a gente se fala, mas nao sobre assuntos de rede, internet
 <Diguinho> assuntos normais como trabalho, familia, estas coisas
 (25 anos, publicitário, solteiro, Campinas/SP)

Os vínculos estabelecidos na rede entram no cotidiano desses sujeitos. O modo de lidar com essa nova realidade, a virtual, é sempre pessoal. Em alguns casos, a vivência da amizade virtual surpreende pelo impacto de o sujeito se perceber se relacionando com outros através do computador. O relato de Margarida revela:

<margarida> qdo conheci a net entrei de cabeça, nem procurava mais as pessoas reais. vivia, falava e esperava so o momento de encontrar as pessoas virtuais. as coisas q a gente brincava pareciam de verdade, roda de chimarrão, festas, bailes, nem me fazia falta sair pra rua ou encontrar gente de carne e osso. entrava madrugada a dentro na frente do micro
 <margarida> eles eram os amigos q eu queria ter. aqui a gente lê e interpreta tudo como quer. aqui a gente se sente valorizada pelo q escreve e pela imaginação dos outros
 <margarida> o canal pequeno cria mais amizade, mais conhecimento. vira uma sala mesmo. todos falam com quase todos, principalmente o q vem sempre ali naquela hora
 (49 anos, aposentada, casada, Rio Grande/RS)

Parece incontestável que o fato de freqüentar, há um tempo considerado longo, as salas de chat do IRC marca um diferencial no cotidiano desses sujeitos. Fatos novos, como o de ter a convicção de que, em determinado horário, o sujeito pode freqüentar um lugar onde encontra outras pessoas que considera suas amigas, são incorporados ao seu dia-a-dia. Essa convicção vai reforçando a relação que o sujeito estabelece com as salas de chat e com seus freqüentadores. No discurso de todos os entrevistados percebe-se o prazer em participar dessa nova forma de conhecer e se relacionar com outros sujeitos.

GRUPOS E PESSOAS

Foi perguntado aos sujeitos se eles freqüentavam os canais por causa do grupo ou por causa de outros freqüentadores, pessoas isoladas e consideradas especiais. Ao fazer essa pergunta, presumi que o hábito de freqüentar o mesmo canal podia estar relacionado a um grupo habitual de freqüentadores, impondo uma determinada dinâmica ao canal. Os sujeitos, apesar de procurarem os canais em função de seus interesses pessoais, acabam estabelecendo vínculos particulares. Todo o grupo busca freqüentar aquele determinado canal por conta do tema da sala (#rio, #40anos), mas o que acaba prendendo sua atenção são as amizades que estabelecem. Diguinho exemplifica:

<Diguinho> as pessoas formam o grupo

<Diguinho> já houve casos de eu entrar apenas pra falar com UMA pessoa em especial, como já teve casos de eu entrar com o pensamento: "a galera toda está online, vou papear com eles até cansar

(25 anos, publicitário, solteiro, Campinas/SP)

O fato de as salas de chat serem um ambiente muito público faz com que várias pessoas entrem e saiam das salas ao longo de um bate-papo. Da mesma forma, não há a exigência de todos participarem do assunto em

pauta. Sendo assim, apesar de os sujeitos se referirem ao grupo de um determinado canal, o sucesso do bate-papo não está condicionado à presença de todos os seus freqüentadores habituais. Na opinião de Elvis:

<^Elvis^> muitas pessoas acabam mudando de canal, enquanto outras são mais constantes, essas devem ter algum tipo de afinidade, ainda que não saibam explicar qual é
 <^Elvis^> quero dizer que, nessa circunstância, as coisas se confundem. o grupo pode ser o especial, dado que composto de pessoas afins
 (46 anos, gerente, divorciado, Sao Paulo/SP)

O que se pode perceber é que, por mais que os sujeitos se refiram aos freqüentadores de um mesmo canal como um grupo, eles não exigem fidelidade e compromisso uns dos outros. Incorporam a convivência como uma opção estritamente pessoal e individual. O discurso de DJ demonstra isso:

<DJ> o grupo é muito disperso...
 <DJ> frequento por costume mesmo....
 <DJ> de relaxar aqui....
 <DJ> fico aqui pra nao sair....ficar vendo tv...
 (51 anos, consultor, casado, Rio de Janeiro/RJ)

É um grupo extremamente cambiante e tolerante com seus próprios componentes.

RELACIONAMENTO ONLINE E OFFLINE

Quando pedido aos sujeitos que estabelecessem relações e comparações entre os relacionamentos que desenvolviam online e os offline, me deparei com a insegurança, a desconfiança e o esforço dos sujeitos em se adaptar a essa nova realidade: estabelecer relações de qualidade mediadas por um computador.

Poderia dividir o discurso de todos os sujeitos em duas partes: aspectos positivos e aspectos negativos.

ASPECTOS NEGATIVOS

A não presença física é indicada por todos como a maior dificuldade a ser enfrentada no caso de uma relação mais íntima. Em alguns casos, os sujeitos procuram conhecer pessoalmente aqueles que consideram mais amigos. Nos casos em que isso não é possível, no entanto, os sujeitos parecem estar se adaptando a essa característica do contato virtual. Não desqualificam a relação e vão mantendo o contato e a intimidade. Mas é nítido que existe uma certa frustração em não saber realmente como o outro é. O discurso de Elvis traduz isso:

<^Elvis^> no irc não tem o olho-no-olho, o convívio. você conhece a embalagem, mas não necessariamente o conteúdo
<^Elvis^> amizade pressupõe muito mais que bate-papo
(46 anos, gerente, divorciado, São Paulo/SP)

Outra dificuldade apontada pelos sujeitos é a desconfiança em relação às pessoas do outro lado da tela. Por não existir o contato físico, os sujeitos se vêem inseguros, sem saber se aquele outro sujeito, que consideram seu amigo, é realmente do jeito que digita (escreve) ser. Veja a queixa de Flor:

<[flor]> sim, porque aqui o anonimato as toma mais abertas, se sentem mais a vontade para contar coisas que as vz não contam para amigos reais
<[flor]> porque aqui muitos criam um personagem, se tomam o que gostariam de ser na vida real
<[flor]> eu sempre procurei e acho que consigo ser eu mesma! não me sentiria a vontade enganando as pessoas mesmo que virtualmente
<[flor]> porque aqui existe muita mentira, algumas pessoas se protegem atrás de personagens!
(42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

A questão dos personagens na Internet é quase um mito. Como não se costuma usar os dados pessoais nas relações travadas, via Rede, principalmente no IRC, existe a possibilidade de o sujeito viver um ou vários personagens. Nesse sentido, a escolha do nick, já é, em si, uma nova

identidade. Em alguns casos, a construção desse personagem serve para filtrar os contatos e proteger a intimidade dos sujeitos. É o caso de Diguinho:

- <Diguinho> Diguinho é uma máscara
- <Diguinho> tive que criar um "mito" em cima do meu personagem para que ele "vivesse"
- <Diguinho> no caso, era de que ninguém realmente jamais teria visto meu rosto
- <Diguinho> Meu nome é Rodrigo
- <Diguinho> eu sempre separei as coisas...
- <Diguinho> seria como uma dupla personalidade consciente, provocada
- <Diguinho> imagine duas pessoas, iguais
- <Diguinho> uma vive no mundo real, outra no virtual
- <Diguinho> uma completa a outra
- <Diguinho> as pessoas que entram na rede para conversar nem sempre querem ver sinceridade, a realidade
- <Diguinho> criei um personagem exatamente igual a mim
- <Diguinho> de forma que naum desagradou a quem me ve, e nem a mim mesmo
- <Diguinho> "panis et circensis"
- <Diguinho> muita gente enxerga o chat como uma fuga
- <Diguinho> ninguém conversaria com uma pessoa "real" a menos que ela fosse interessante
- <Diguinho> daí a razão de um personagem real
- <Diguinho> manter contato
- <Diguinho> conhecer pessoas
- (25 anos, publicitário, solteiro, Campinas/SP)

A necessidade de se adaptar e se enquadrar em uma nova forma de se relacionar é apontada como um aspecto difícil do cotidiano desses sujeitos. Apesar de encararem o IRC como uma opção de lazer, os vínculos formados e o investimento emocional desses sujeitos fazem desta opção, o frequentar há muito tempo as salas de chat, uma parte de seu dia-a-dia.

O dia-a-dia nas salas de chat do IRC, por mais peculiar que pareça, é marcado por vários aspectos positivos e algumas contradições, que serão apontadas mais adiante.

ASPECTOS POSITIVOS

Todos os sujeitos apontaram seu grande prazer em conviver cotidianamente com pessoas que consideram amigas e divertidas. O fato de essas relações

se darem através do computador possui, em um primeiro momento, um certo charme. Fica a sensação de que aqueles amigos foram efetivamente eleitos pelos sujeitos, escolhidos criteriosamente. É o que transparece no discurso de Flor:

<[flor]> Porque muitos amigos reais não se preocupam tanto comigo como alguns amigos virtuais
 <[flor]> tenho amigos reais que as vezes passam semanas sem saber como estou. E tenho amigos que fiz aqui que me ligam diariamente para saber como estou
 <[flor]> acho que na verdade amigos reais as vezes nos são impostos por n situações, e os virtuais nós escolhemos
 <[flor]> Acho que a medida que conversamos com as pessoas vamos nos identificando e selecionando de acordo com nossos princípios
 (42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

Alguns dos aspectos positivos mais apontados no discurso dos sujeitos é a liberdade que o IRC possibilita. O uso do nick, a ausência da presença física e de convenções sociais tão comuns ao cotidiano offline do sujeito promovem uma certa liberdade. Essa liberdade deixa o sujeito à vontade para se comportar e agir segundo seus desejos e interesses. O discurso de Margarida é um bom exemplo:

<margarida> aqui os amigos nao te cobram nada, nem tu tens q te envolver com problemas pessoais de ninguem, mesmo q tu sofras na hora q alguem chora no teu ombro, isso fica so aqui. aqui os romances sao lindos, todo homem é o amante q tu querias ter, o marido ideal, aqui a gente nao tem conta pra pagar
 <margarida> nem super pra fazer, nem casa pra limpar, nem roupa pra passar
 <margarida> se uma amiga deixa de representar o q tu imaginas, tu arrumas outra
 <margarida> se um namorado nao satisfaz mais, basta um clique e tem meia duzia na fila
 <margarida> aqui a gente é charmosa, inteligente,
 <margarida> aqui te chamam de linda e tu te sentes linda
 <margarida> aqui te chamam de amor e parece q es o amor da vida dele
 <margarida> aqui tu liberas o lado mais louco
 <margarida> e niguem tem nada com isso
 <margarida> aqui tu tens amantes, namorados, o q te fizer falta na hora
 <margarida> aqui tu podes parecer moça recatada
 <margarida> ou uma masoquista louca por chicote
 <margarida> vale qualquer brincadeira e sempre tem quem te acompanhe

<margarida> tu estas de chinelo e calça de abrigo largona mas podes dizer q estas de baby doll preto q a imaginação funciona
 <margarida> tu sabes q provavelmente do outro lado é um gordinho, baixinho, barrigudinho q nem tu
 <margarida> mas vale dizer q é um moreno alto de calção e camiseta (49 anos, aposentada, casada, Rio Grande/RS)

Essa liberdade também possibilita uma espécie de exercício de si mesmo. Mostrou-se bastante comum no discurso dos sujeitos o ato de, no IRC, exercitar investidas e atitudes que eles consideram difíceis de demonstrar na vida real, offline. O discurso de Mister R reforça:

<Mister_R> São relações amistosas, sendo que no irc a personalidade das pessoas fica em nosso imaginário, uma vez que só se sabe o que elas escrevem, mas não se tem a mínima ideia de como elas são.
 <Mister_R> Via internet voce pode tentar passar outra imagem, ou mesmo ficar imaginando como as pessoas *imaginam como voce é*.
 <Mister_R> No meu caso, como sou um pouco inseguro, sinto certa dificuldade de aproximar-me de outras pessoas. Via net, fica mais fácil, porque nao tem que se mostrar, voce fica atras do aparelho.
 <Mister_R> a imagem real, embora voce possa fingir, é autentica. pois o corpo também fala. já virtualmente, voce apenas imagina as pessoas pelo que elas escrevem
 (50 anos, administrador, casado, Toledo/PR)

Essa prática de usar o monitor como uma máscara possibilita que os sujeitos façam do IRC uma espécie de treino. Treinam ser um pouco menos inseguros, treinam ser mais amorosos. O fato de estarem escondidos pelo monitor é confortável. Mimi traduz isso:

<MiMi> tudo gente como a gente:))))))
 <MiMi> qualidades, defeitos, soh vivencias diferentes
 <MiMi> vamos dizer q aki eh um pouco um treino
 <MiMi> pra vida real
 <MiMi> pq aki tudo se da muiiito mais rapido e intenso
 <MiMi> venho, aprendo e utilizo
 (39 anos , diretora de escola, casada, São José do Rio Preto/SP)

Parece que a conjunção desses fatores – monitor, nick, anonimato – facilita a relação entre esses sujeitos. Eles se sentem mais soltos, mais livres e a convivência ganha contornos mais divertidos e agradáveis. Queridinha conclui:

<queridinha-SC> o pessoal que conheço da internet são mais divertidas . se soltam mais
 <queridinha-SC> conversam bastante , dão risadas falam bobrinhas
 <queridinha-SC> acho que 'e pq as pessoas não se conhecem pessoalmente e fica mais fácil de se soltar
 <queridinha-SC> eu nunca conheci ninguém do irc e acho que atrapalha conhecer pq o legal é o misterio
 (46 anos, cirurgiã dentista, casada, Abelardo Luz/SC)

O IRC está associado ao prazer, ao lazer. Dessa forma, o sujeito valoriza as amizades conquistadas como fruto de escolhas muito pessoais dele. O que se percebe, no discurso dos entrevistados, é que existe uma certa euforia por existirem a Internet e a possibilidade de estar em salas de chat como o IRC, convivendo com outras pessoas. O discurso de Marcia ilustra:

<[Marcia_] algumas pessoas são bem legais...totalmente iguais na vida real...mas outras tentam passar uma coisa que não são....mas o estranho que consigo distinguir quem é verdadeiro ou não..
 <[Marcia_] já conheci varias dessas pessoas pessoalmente e acho que não me enganei com nenhuma delas..elas são na vida real exatamente o que são aqui no irc..
 <[Marcia_] poucas,acho que somente uma não era o que eu achei que fosse..
 <[Marcia_] acho que no momento minhas verdadeiras amizades são com pessoas daqui do mirc..
 <[Marcia_] antes não tinha quase amigos..
 <[Marcia_] eu sempre fui difícil de ter amigas...e aqui consegui achar grandes amigas!
 (35 anos, contadora, casada, Porto Alegre/RS)

Na realidade, por se tratar de um ato cotidiano, os sujeitos parecem não procurar se aprofundar na análise de como o IRC está interagindo em seu dia-a-dia. Existe alguma contradição entre como o sujeito se vê no âmbito social e como ele se comunica e estabelece relações nas salas de chat. Estas contradições geram no sujeito uma certa insegurança sobre quem são os outros frequentadores, do outro lado do monitor.

CONTRADIÇÕES

Quando pedi que os sujeitos relacionassem as semelhanças e diferenças entre as pessoas que conhecem no seu cotidiano offline e as que conhecem na sua frequência às salas de chat, percebi algumas contradições.

A primeira foi exatamente a tendência de os sujeitos apontarem aspectos negativos e positivos entre as duas realidades. Isto é, apesar de se sentirem integrados ao convívio virtual, uma vez que freqüentam o IRC cotidianamente há um longo tempo, sentem falta de características próprias da realidade *offline*. A não possibilidade de um convívio físico é um exemplo, como já foi demonstrado.

Uma outra contradição é a primeira impressão que esses sujeitos têm em relação aos outros freqüentadores do IRC. Existe uma tendência a achar que o sujeito que freqüenta o IRC é um carente em potencial. É interessante apontar que essa impressão não se estende a ele próprio, o sujeito. Rick tem a seguinte opinião:

<[**^Rick^**]> Na sua grande maioria carentes de alguma coisa que lhes faltam no off line!

<[**^Rick^**]> as grande maioria das pessoas tens carencias e vc deixar rolar tudo acaba em romance ou algo parecido
(32 anos, analista de sistemas, casado, Rio Grande/RS)

Essa percepção do outro como, a princípio, carente de algo se mostrou muito comum no discurso dos sujeitos. A contradição está em que nenhum dos sujeitos se disse, ele mesmo, carente. O que acaba existindo é uma tolerância em relação a essas pessoas que, a princípio, são carentes. Com o estreitamento da relação existe o abandono dessa impressão em relação àquele freqüentador que é tido como amigo, mas persevera a impressão de carência em relação aos outros freqüentadores, ainda estranhos. Flor conclui:

<[**flor**]> acho que as pessoas que frequentam o mirc são na maioria carentes, solitárias

<[**flor**]> porque se não fossem tão carentes de algo (amizade, amor, carinho) não teriam tanto espaço para estar aqui no mirc
(42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

Os sujeitos tendem a considerar que alguém que gasta muito tempo no IRC, o faz para suprir carências emocionais. No entanto, eles mesmos não se dizem carentes.

O tempo gasto no IRC é percebido como um tempo que poderia ser utilizado em outras atividades de lazer, inclusive no convívio com os amigos "reais". No entanto, essa percepção, no discurso dos sujeitos, não desvaloriza o vínculo com os canais e com os outros frequentadores. Elvis coloca:

<^Elvis^> interessantes. o tipo de relação é outro, dado que de repente você está conversando com gente de todas as partes, com as quais não teria a oportunidade em circunstâncias normais do dia-a-dia. <^Elvis^> às vezes você acaba conversando mais com esse pessoal do que com seus amigos locais, o que chega a parecer estranho, uma vez que estão geograficamente distantes
(46 anos, gerente, divorciado, São Paulo/SP)

Parece claro que o fato de o sujeito não precisar sair de casa para estar conectado ao IRC é um dos facilitadores desse contato mais estreito. No entanto, no caso dos sujeitos que optaram por fazer um uso prolongado das salas de chat do IRC, parece existir um certo desconforto na percepção de que o tempo gasto em frente ao monitor diminui as possibilidades de conviver com a família e os amigos no cotidiano. Essa percepção instaura algum desconforto mas é sobrepujada pelo prazer que o sujeito sente em frequentar o IRC. Diguinho mostra como se dá essa percepção:

<Diguinho> com este comportamento, me cerco apenas de pessoas que sentem algum tipo de afinidade por mim,
<Diguinho> pessoas com as quais me sinto bem e vice versa
<Diguinho> guardadas a devidas proporções
<Diguinho> não podem ser consideradas
<Diguinho> nem tradas igualmente por uma série de motivos, como distancia, por exemplo
<Diguinho> vc concorda que, é diferente eu atravessar a cidade pra ver um amigo e eu atravessar o Estado pra ver outro?
<Diguinho> eu fiz amizades em portugal, australia, china,
<Diguinho> pelo quatro cantos do mundo
<Diguinho> eu naum preciso ver, eu preciso sentir,
<Diguinho> como eu te disse, eu so um apaixonado pelo ser humano
<Diguinho> eu possó saber
<Diguinho> sentir
<Diguinho> pelo modo como vc me fala oi qdo eu entro no canal
<Diguinho> pelo fato de vc me mandar um email, ou mesmo telefonar
(25 anos, publicitário, solteiro, Campinas/SP)

O sujeito tende a criar maneiras e justificativas para estar nas duas realidades concomitantemente. Ele marca bem as características de cada uma delas e desenvolve uma percepção e um modo de ser e pensar para cada uma das realidades.

Em outros casos, a percepção de alguma contradição leva o sujeito a procurar um maior equilíbrio entre as duas realidades. A fala de Mimi nos dá subsídios para essa impressão:

- <MiMi> eu nao venho aki pra achar namoro
- <MiMi> amigo pra vida real
- <MiMi> pra mim eh aki mesmo um lugar de outra dimensao
- <MiMi> mundo virtual mesmo
- <MiMi> nao quero juntar turminha pra ir pra ircontros
- <MiMi> ja tenho turminha na vida real;))
- <MiMi> descobri q aqui sou uma das poucas q soh entro qdo estou feliz
- <MiMi> q qdo to triste nem ligo o pc
- <MiMi> dai tb descobri q como entro muito,,, tb sou um bom tanto feliz:))
- <MiMi> nao venho aki descarregar neuras
- <MiMi> venho pra conversar, pra discutir, trocar ideias
- <MiMi> com gente q nao faca parte do meu dia a dia
- <MiMi> no irc eu converso com tudo q eh tipo de gente
- <MiMi> tenho uma vivencia virtual
- <MiMi> nao quer dizer q nao tenha verdade no q vivo aki
- <MiMi> sempre vivi um mundo paralelo, soh meu
- <MiMi> onde tinha amigos q soh eu via
- <MiMi> no irc eles falam comigo com suas proprias cabecas .. eh isso
- <MiMi> o duro q alem de me ajudar muiiito na minha auto estima o irc acabou me dando amigos virtuais muito verdadeiros;)
- <MiMi> nao q nao tenha decepcoes, tem ...mas mais alegrias
- <MiMi> soh uma coisa sei, os canais --> irc tem um poder de comunicacao q as pessoas desprezam ou nao sabem mesmo q existe.
- <MiMi> dah pra gente aprender muiiito aki
- <MiMi> e taum soh perdendo tempo com sexo
- <MiMi> eu aprendi usar word aki
- <MiMi> aprendi usar o pc aki
- <MiMi> quase compreendo o ingles de tanto "falar" com gente do exterior
- <MiMi> eu conheci aqui gente q no meu dia a dia jamais teria chance de dizer um oi
- <MiMi> o projeto q desenvolvi foi uma coisa tao grande q muito poucas pessoas da educacao conseguiram enxergar a dimensao
- <MiMi> hj mesmo ganhei pras crianas da escola um passeio de trenzinho ... o cara mandou 100reais
- <MiMi> outro mandou metade do preco da lata de tinta
- <MiMi> ganhamos souvenirs de tudo q eh lado do brasil e do mundo
- <MiMi> ateh de praga veio uma matrioska

<MiMi> isso no irc
 <MiMi> aprendi pesquisar no explorer como poucas pessoas aqui em
 rio preto sabem
 <MiMi> isso no irc
 <MiMi> o irc eh um caminho, um meio
 <MiMi> quem souber usar pro bem... usarah, quem nao souber fica ai
 fazendo caca
 (39 anos, diretora de escola, casada, São José do Rio Preto/SP)

O equilibrio permite que o sujeito aproveite todas as possibilidades que o IRC e as relações travadas através dele podem oferecer. O entusiasmo e o encanto por essas novas possibilidades fortalecem o vínculo com os outros frequentadores.

SUJEITOS ANÔNIMOS

A mais marcante das características da Internet e, em especial, do IRC, é a possibilidade do anonimato. Ao entrar nas salas de chat, é possível omitir totalmente informações pessoais. Ao escolher um nick, o sujeito pode escolher não fornecer nenhuma indicação que possibilite reconhecê-lo no "real". Foi perguntado aos sujeitos da pesquisa que uso eles faziam do anonimato. As respostas dividiram-se entre os que alegaram não fazer uso nenhum e os que usam essa possibilidade para filtrar suas relações. Os que alegam não usar o anonimato acham que não têm necessidade de se esconder ou ocultar nada. Anjinho resume:

<ANJINHO> nenhum..como na vida real me revelo aos poucos..nunca me escondo.
 (35 anos, geólogo, casado, Salvador/BA)

Outros acham que o anonimato facilita o acesso ao IRC e ajuda a estabelecer as novas amizades. Desses, a maioria acredita que o acesso à sua vida pessoal se dá através da conquista da intimidade, do convívio. Elvis é um bom exemplo:

<^Elvis^> bastante. não gosto que tentem invadir a minha privacidade nem no dia-a-dia

<^Elvis^> há pessoas no irc que insistem em saber coisas a seu respeito. não digo, porque não sei quem está perguntando e com que objetivo. por outro lado, após alguns anos de "conhecimento" (entenda-se papos no irc) pode-se decidir encontrar certa(s) pessoa(s) e aí, ao vivo, elas acabam contando um pouco de si
(46 anos, gerente, divorciado, São Paulo/SP)

O anonimato ao mesmo tempo que liberta o sujeito das convenções sociais, também preserva a identidade social, na opinião de alguns que o utilizam. A fala de Flor traduz isso:

<[flor]> Me sinto mais livre para conversar, para brincar mas sem esconder a minha maneira de ser e de pensar

<[flor]> Me sinto mais livre do que no real, porque a sociedade nos cobra muitas posturas. E aqui podemos extravasar esse nosso lado brincando, conversando e até namorando

(42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

Absolutamente todos os sujeitos, ao acessarem o IRC pela primeira vez, são anônimos. Ao entrar no IRC, como já foi explicado anteriormente, o sujeito escolhe um nick. Com isso, ele entra numa sala de chat sem o perigo de ser identificado por suas referências e dados do mundo real. Este sujeito pode se conservar anônimo ou pode frequentar diferentes salas de chat com diferentes nicks. Dessa forma, ele está selecionando o nível de anonimato que ele quer manter com cada um dos diferentes grupos do IRC. No caso dos frequentadores antigos, o nick passa a adquirir características de identidade. Este frequentador antigo só tem uma forma de passar anonimamente por alguma situação ou canal, trocar de nick. Neste momento, ele se torna tão anônimo quanto no primeiro dia de uso do IRC. O discurso de Margarida demonstra:

<margarida> qdo eu ia no canal 40anos era parte de um grupo, no canal riogrande q é de gurizada da cidade pra muitos eu sou a tia margarida ou a tia silvia

<margarida> mas no coroas eu não sou nada, uma anonima

<margarida> e qdo quero ser mais anonima ainda é so trocar o nick q ja posso ser outra pessoa

(49 anos, aposentada, casada, Rio Grande/RS)

O anonimato na rede possibilita uma série de situações: a incorporação de personagens; a extroversão que caracteriza os bate-papos; a associação das salas de chat com o prazer e o lazer. Esta possibilidade de, anonimamente, relacionar-se com outros sujeitos no IRC é um dos grandes atrativos da experiência da virtualidade. O sujeito experiencia, na realidade virtual, outras formas de se relacionar. Sempre em função de seu prazer e de seus interesses.

EXPERIMENTANDO O VIRTUAL

Foi pedido aos sujeitos que dessem sua opinião sobre a possibilidade de conhecer e se relacionar com outras pessoas através do computador. Independente de sua própria experiência, o que se queria entender era de que modo os sujeitos imaginavam que isso poderia mudar, de maneira geral, as formas de as pessoas se organizarem socialmente.

Todos foram unânimes em defender que o uso do IRC é uma ótima maneira de conhecer outras pessoas. A fala de Rick é um bom exemplo:

<^Rick^> ACho que eh mais uma forma de conhecer novas pessoas!
 <^Rick^> Tive o prazer de conhecer pessoas otimas aqui no mundo virtual!
 (32 anos, analista de sistemas, casado, Rio Grande/RS)

Alguns, no entanto, demonstraram um certo temor em relação às repercussões dessa nova possibilidade no cotidiano offline dos sujeitos. Elvis expressa esse medo:

<^Elvis^> duas coisas: fantástico e terrível. fantástico porque uma pessoa normal jamais conseguiria conhecer tanta gente de tantos lugares diferentes em tão pouco tempo.
 <^Elvis^> e terrível porque esse tempo não está sendo dedicado às suas amizades pré-existentes
 <^Elvis^> os amigos que você já tinha, digamos "locais". você chega a conversar com um amigo da mesma cidade pelo computador, mas

não falando pelo telefone, o que seria até mais econômico, porque é mais rápido falar que digitar
(46 anos, gerente, divorciado, São Paulo/SP)

Os sujeitos alegaram uma certa preocupação pelo fato de estarem se relacionando, às vezes intimamente, com outros sujeitos que não conhecem de fato. A preocupação em não esquecer que existe uma vida real, além daquela virtual que os sujeitos estão experienciando, é uma das repercussões do uso cotidiano do IRC. Flor traduz essa preocupação:

<[flor]> Acho que o mirc aproximou as pessoas,mas temos que ter muit ocuidado para nao esquecer a vida real,e aqui encontramos muitas pessoas maravilhosas,outras com problemas serios de relacionamento

<[flor]> Enquanto estamos conectados nada do mundo real pode nos atingir,esquecemos problemas,cobranças
(42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

Fica claro, no entanto, que o fato de poder conhecer e se relacionar com pessoas várias, de várias partes do mundo, torna as preocupações e perturbações um pequeno senão para esses sujeitos. O discurso de Margarida cristaliza isso:

<margarida> isso me encanta pelo extensao do mundo q a gente abraça.uma vez precisava saber qtos escudos valeria um ap em portugal

<margarida> entrei num canal pedi pra falar com alguem da la e tive todas as informações

<margarida> me encanta encontrar alguem de lugares onde tu ja viajaste e comentar o q tu conheces q a pessoa conhece tb

<margarida> gosto de falar com algumas pessoas

<margarida> em termos de sexo, se for aqui, mais seguro impossivel

<margarida> ainda me empolgo em conhecer pessoalmente algumas pessoas

<margarida> mas nao tenho mais do q isso em termos de envolvimento

<margarida> mas liberando meu lado sacana, adoro uma transa aqui
(49 anos, aposentada, casada, Rio Grande/RS)

O que se apreende neste item é que os sujeitos, usuários constantes do IRC, já assimilaram certas experiências, as virtuais, como parte de seu cotidiano. Vivem e usufruem da virtualidade de uma maneira muito natural, diria mesmo que sem se preocupar demais em analisar o impacto disso em seu dia-a-dia.

EMOÇÕES NA PONTA DOS DEDOS

A maneira como o ser humano lida com suas emoções sempre foi um mistério. Em minha prática no IRC tive a oportunidade de me deparar, algumas vezes, com situações que me emocionaram. A afirmação de que podemos efetivamente nos emocionar estando na frente da tela de nosso computador pode parecer um pouco exagerada. Mas, existe emoção no IRC.

Foi feita uma pergunta bem simples aos sujeitos: Você já se emocionou no IRC? Sim. Todos já se emocionaram no IRC. Foram vários os relatos. Emoções por conta de sua própria história ou por conta de histórias de outras pessoas. A vivência desses sujeitos no IRC é sempre acompanhada de algum investimento emocional. Eles realmente sentem-se participando, alguns mais outros menos, da trajetória e da vida dos que consideram seus amigos. A fala de Narigudo traduz bem essa realidade:

<narigudo> me emocionei com algumas conversas com amigas.
 Conversa franca, carinhosa, amiga
 <narigudo> conversas íntimas sobre particularidades das vidas
 destas pessoas e, naturalmente, da minha
 <narigudo> conversas que denotavam, sobretudo, confiança
 <narigudo> engraçado isso
 <narigudo> pessoas que vc nunca viu, não sabe como são, como
 vivem,
 <narigudo> como são suas famílias, seus relacionamentos pessoais
 <narigudo> e de repente vc está conversando sobre coisas íntimas,
 se expondo sem muitos cuidados
 (42 anos, físico, casado, Belo Horizonte/MG)

Os próprios sujeitos parecem se surpreender quando se dão conta de que a emoção é real, mesmo dirigida em termos práticos para a tela do monitor e demonstrada através do que os seus dedos digitam. Flor é um bom exemplo:

<[flor]> sim,muitas vezes!!!!Com vitórias de amigos,com as
 tristezas!As emoções não são virtuais
 <[flor]> Com o tempo parece que realmente conhecemos todos que
 teclamos com frequência,então se tornam pessoas reais e não
 somente um monitor
 <[flor]> teclou com uma menina de 23 anos que engravidou do
 namorado.ela não quis casar e assumiu a filha!Qd a menina nasceu

me avisou e chorei de felicidade, a menina tem o nome de uma filha minha. Sempre conversei com ela como converso com minhas filhas! Achei lindo ela partilhar isso comigo, pq em determinado momento ela pensou em abortar e conversamos muito sobre isso!
(42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

A grande diferença na maneira como se vive essa emoção, em relação a outras comunicações escritas, é que a comunicação no IRC se dá em tempo real. Isto é, em termos práticos, a emoção está se desenrolando ao mesmo tempo dos dois lados do monitor. Uma outra diferença é que, de maneira geral, esses sujeitos não se conhecem pessoalmente. São pessoas estranhas, ligadas pelo convívio cotidiano, mas sem a presença física. A fala de Mentol revela essa outra realidade:

<Mentol> já sim

<Mentol> emoção ao perder uma grande amizade.. mesmo virtual..

<Mentol> mas acontece sim, é acho natural

<Mentol> Numa ocasião, teclava com uma pessoa muito especial...

<Mentol> comecei então a teclar com outra garota tb muito legal...

<Mentol> ambas eram amigas e eu não sabia...

<Mentol> a amizade acabou para os 3

<Mentol> achei terrível, pois mesmo elas sendo de longe, o virtual se tornou real...

<Mentol> e percebi que a brincadeira não foi legal...

<Mentol> tornou-se real com relação ao sentimento...

<Mentol> um sentimento bonito que se acabou...

<Mentol> afinal, perdi duas amigas...

<Mentol> e isso me machucou sim

<Mentol> mas não cheguei a conhecê-las pessoalmente

(42 anos, administrador, casado, Toledo/PR)

A emoção é também um componente desse cotidiano vivido no IRC. Os próprios sujeitos recorrem a seus amigos virtuais em busca de um afago, como usualmente se faz no "real". E as respostas a essa busca, assim como no "real", às vezes também não são satisfatórias. Diguinho nos exemplifica:

<Diguinho> mais ou menos em abril deste ano

<Diguinho> acabei um namoro de cinco anos, sem mais nem menos, do nada

<Diguinho> comentei isso com uma pessoa, que como sempre, prestativa, me deu algumas palavras de consolo

<Diguinho> e sotou entre elas, um "deixa essa tonta pra lá"

<Diguinho> o que mexeu comigo

<Diguinho> eu estava emocionalmente abalado

<Diguinho> foi como um ferimento, digamos,

<Diguinho> pois eu estava procurando alguém que me dissesse o que ue queria ouvir

<Diguinho> e nao foi isso que eu achei

<Diguinho> me senti revoltado

<Diguinho> chateado

<Diguinho> triste

(25 anos, publicitário, solteiro, Campinas/SP)

É interessante ressaltar a emoção como aspecto da comunicação mediada por computador. Ela não é exclusiva ao IRC, mas neste caso em particular, por ser vivida em tempo real, torna essa temática ainda mais instigante. Não que outras formas e outros ambientes de comunicação na Internet não se utilizem do conceito de tempo real. A diferença está na facilidade que o IRC tem de agregar, cotidianamente e nos mesmos canais, os mesmos sujeitos. Narigudo, ao ser perguntado sobre o porquê de os sujeitos se emocionarem tão facilmente no IRC, respondeu simplesmente:

<narigudo> pq tem gente dos dois lados da linha, oras
(42 anos, físico, casado, Belo Horizonte/MG)

O uso cotidiano do IRC parece, no caso das respostas desses sujeitos, evidenciar o fato e a importância de haver pessoas nos dois lados do monitor. A sensibilidade em relação às histórias e trajetórias desses sujeitos fica exarcebada. O respeito em relação ao outro parece se solidificar.

OS OUTROS

Foi perguntado aos sujeitos, o que eles imaginam que, de uma maneira geral, as pessoas procuram no IRC. Em um momento seguinte, foi perguntado o que imaginam que essas pessoas encontram.

BUSCA

Em relação à pergunta sobre o que as pessoas procuram no IRC, as respostas foram bastante uniformes. Todos os sujeitos relacionaram buscas comuns ao dia-a-dia e bastante próximas das buscas empreendidas no "real". Sexo, amor, amizade, diversão, entre outras, foram as respostas mais comuns. Algumas, no entanto, se mostraram um pouco mais completas. O discurso de Narigudo, é um bom exemplo:

<narigudo> conversa, amizade, ...
 <narigudo> afeição
 <narigudo> eventualmente, até amor
 <narigudo> sexo
 <narigudo> qualquer coisa que a gente procura quando vai a um lugar cheio de gente
 <narigudo> com a vantagem de não ter que mostrar o focinho (nem o barrigão)
 <narigudo> isso quebra a barreira inicial que a aparência impõe
 <narigudo> por que a aparência é importante no estabelecimento de um contato
 <narigudo> aqui vc "contrói" uma aparência e sustenta até conseguir um pouco de intimidade
 <narigudo> aí vai se soltando, revela uma coisinha aqui, uma faceta ali, ...
 <narigudo> é que nem entrar no mar ... vai andando, vai vendo onde dá pé, vai arriscando ...
 <narigudo> como se faz em qqr contato novo ... só que isso aqui é que nem uma festa de mascarados
 <narigudo> festa de mascarados ... ninguém sabe (embora tenha uma leve idéia) quem seja o objeto da sua atenção
 <narigudo> aí vai tentando conhecer, descobrir quem é, ver se o ser por trás da máscara corresponde às suas expectativas, etc
 <narigudo> essa máscara a gente usa no dia-a-dia
 <narigudo> mas o corpo diz muita coisa, as expressões faciais então ... e a gente está privado desses instrumentos de comunicação no irc ... tem que contar com a palavra ... e vc sabe que a palavra é uma faca de dois legumes
 (42 anos, físico, casado, Belo Horizonte/MG)

Por mais comum ao ser humano que pareça, essa busca, no caso do IRC, acaba se dando em uma outra ordem. O que se costuma dizer muito em relação à comunicação mediada por computador é que os conhecimentos que se formam têm como base o conteúdo interno dos sujeitos, suas opiniões, vivências e impressões. A aparência física faz parte de um segundo

momento algo completamente diferente do que se dá no "real". O discurso dos sujeitos aponta no sentido de confirmar que essa faz a grande diferença.

ENCONTRO

Após serem questionados sobre o que acham que as pessoas procuram, no IRC, aos sujeitos foi solicitado que apontassem o que acreditam que elas encontram. Mais uma vez, as respostas foram bem uniformes. Encontra-se de tudo no IRC. Encontra-se o que se procura e até mesmo algumas outras coisas que as pessoas não sabiam que buscavam. Os entrevistados foram unânimes em afirmar que o IRC é um local propício para encontrar todo tipo de coisa: amor, sexo, amizade, compensação para as carências da vida offline, diversão, lazer etc. Alguns, no entanto, se preocuparam em dizer que, apesar de se encontrar de tudo, essa busca pode gerar alguma frustração ou decepção. O motivo da decepção é exatamente o que caracteriza a Internet: a virtualidade. Os sujeitos assinalaram que, apesar de o mundo virtual ser, de certa forma, a reprodução do mundo real, ele tem regras e características muito próprias. A ausência de referências físicas e a efemeridade das relações podem ser consideradas algumas destas características. Nesse sentido, as pessoas, às vezes, se decepcionam com o que encontram. O discurso de Teresa dá forma a essa possibilidade:

<Teresa_RS> encontram um papo VIRTUAL
 <Teresa_RS> nao se sabe se os dados sao verdadeiros
 <Teresa_RS> encontram verdades ou tb mentiras
 <Teresa_RS> encontram algo que pode ser mentira
 <Teresa_RS> mas tambem pode ser verdadeiro
 <Teresa_RS> um papo virtual
 <Teresa_RS> pode ser uma coisa mas tb pode nao ser
 <Teresa_RS> por que é isso
 <Teresa_RS> existe algo mais??
 <Teresa_RS> vc disse que era psicologa
 <Teresa_RS> mas vc bem pode nao ser
 <Teresa_RS> como vou saber se vc é ou nao
 (33 anos, jornalista, solteira, Porto Alegre/RS)

A virtualidade, que aquele que faz uso cotidiano do IRC incorpora e vive como natural, pode decepcionar o neófito. O que os sujeitos enfatizam é que, apesar de se buscar na rede compensação para as carências e necessidades

da vida real, as pessoas precisam primeiro se defrontar com o mundo virtual. Precisam aprender a assimilá-lo e incorporá-lo a seu uso cotidiano do IRC.

Margarida traduz essa impressão:

<margarida> na maioria das vezes decepções, a imagem e o sonho não eram bem assim, muito sofrimento qdo mistura o real com o virtual, fuga da realidade qdo passa a viver só isso aqui, e tb algumas coisas boas. eu consegui fazer uma amiga real através da net. hoje somos amigas, confidentes, uma apoio uma pra outra. conseguimos até fazer as famílias conviverem

(49 anos, aposentada, casada, Rio Grande/RS)

A inserção no mundo virtual, na opinião dos sujeitos, não é uma simples transposição de mundos, de realidades. É necessária alguma adaptação. O uso cotidiano do IRC parece facilitar essa adaptação. O discurso de Mentol mostra isso:

<Mentol> ela encontram tudo o que procuram, porém, muitas vezes é algo vazio sem consistência...

<Mentol> algo realmente virtual...

<Mentol> acontece até aquela transa virtual, rolam mil fantasias...

<Mentol> enfim, tudo no mesmo momento...

<Mentol> Encontram também amizades, pessoas super legais..

<Mentol> afinal, encontra-se de tudo no IRC

(42 anos, administrador, casado, Toledo/PR)

A busca é pessoal. O que se encontra é o que se consegue usufruir e apreender do convívio virtual. Os sujeitos, talvez por já frequentarem há muito tempo o IRC, assimilaram esse novo modo de se relacionar. As regras e características do mundo virtual foram sendo percebidas e aproveitadas em prol de seus próprios interesses. Dentro dessa nova proposta de conhecer pessoas e desfrutar de seu tempo livre, foram prolongando o uso das salas de chat do IRC.

VOLTAR AO IRC

Foi perguntado aos sujeitos o que os fazia freqüentar o IRC há tanto tempo. Alguns alegaram o costume de freqüentar as salas, outros falaram em lazer, divertimento. A maioria destacou as pessoas que conhece no chat como o principal motivo para voltarem constantemente. É o que Marcia nos revela:

<[**Marcia_**] as amizades que eu fiz aqui.
(35 anos, contadora, casada, Porto Alegre/RS)

Os sujeitos marcaram, em suas respostas, que existe a freqüência do IRC é um hábito. Se a experiência é prazerosa nas primeiras vezes, se os contatos com outras pessoas são gratificantes, fica fácil repetir o acesso àquele canal. Vai existindo uma identificação entre aquelas pessoas e o sujeito se vê, ao longo dos anos, voltando cotidianamente ao IRC. Elvis diz:

<^**Elvis^**> algumas poucas pessoas se mostram tal qual são, para algumas poucas outras pessoas. aí se cria a empatia de que falei, que pode acabar resultando num contato pessoal etc.
<^**Elvis^**> creio que a análise deve ser feita a partir do princípio, ou seja, do primeiro acesso. você entra, começa a conhecer aos poucos o ambiente. se é hostil, muda. caso contrário, alguma empatia se manifestou. se essa condição se mantiver, você fica
(46 anos, gerente, divorciado, São Paulo/SP)

O vínculo que é formado, seja em relação às pessoas ou em relação ao próprio canal, se fortifica, e instaura no sujeito a necessidade de continuar convivendo no ambiente de IRC. A fala bem-humorada de Mentol demonstra isso:

<**Mentol**> sabe, vejo como um vício, mas um vício legal, pois tenho encontrado muitos amigos aqui e minhas amizades as vezes se tomam reais e realmente penso que vale a pena
<**Mentol**> o incrível é que sempre volto....
<**Mentol**> já fiquei uma semana sem entrar, mas a vontade voltou..
(42 anos, administrador, casado, Toledo/PR)

O IRC passa a ser uma referência importante no cotidiano dos sujeitos. Os amigos que os sujeitos sentem ter conquistado passam a ser uma importante fonte de lazer. Flor revela em seu discurso:

<[Flor]> no começo foi por uma solidão enorme, necessidade de me sentir viva, de conversar, carente de amigos mesmo pois estava morando em outra cidade onde não conhecia ninguém
<[Flor]> Depois ficou impossível abandonar as amizades que fiz aqui, fica sempre aquela vontade de dar um oi, de saber como estão
(42 anos, dona de casa, separada, Rio Grande/RS)

O fato de os sujeitos freqüentarem o IRC há muito tempo e de forma cotidiana parece ter se tornado realmente um hábito, um costume. Eles parecem se sentir parte de algo. Existe um vínculo entre esses sujeitos e as salas de chat do IRC. Esse vínculo está diretamente relacionado à satisfação e ao prazer que os sujeitos têm em freqüentar estas salas.

CONSTATAÇÕES FINAIS

No final de minha pesquisa cheguei a interessantes constatações. A primeira delas é a de que o IRC é encarado, por seus freqüentadores habituais, como um costume. Esse costume está diretamente relacionado ao prazer de estar ali, nas salas de chat, conversando e se divertindo com outras pessoas. O fato de ser fácil encontrar outras pessoas que tenham os mesmos interesses que os seus, estando na frente de uma tela de computador e desfrutando do conforto de seu lar, é um forte atrativo para os freqüentadores das salas de chat.

Outra constatação interessante é a de que existem diferenças entre o que os sujeitos chamam de amizade virtual e amizade real. A ausência de contato físico, referências formais e o fato de os grupos se formarem de forma efêmera, criam um diferencial na forma como essas amizades surgem e se solidificam. Os sujeitos sentem que precisam de um tempo maior para se sentirem à vontade e confiantes de que, ali, do outro lado do monitor, está

alguém que merece ser encarado como um amigo. Mesmo assim, os sujeitos enfatizam o fato de, no IRC, ser possível escolher, através de uma identificação de interesses, pessoas que pensam e vivem como eles. Os sujeitos, na verdade, sentem-se selecionando seus amigos entre os outros freqüentadores, com total liberdade e seguindo critérios muito pessoais.

Os freqüentadores mais habituais e antigos do IRC sinalizam uma outra característica relevante do uso cotidiano das salas: as armadilhas do mundo virtual. Com isso faço menção à insistência desses sujeitos em não se deixar impregnar pela vida virtual a ponto de esquecer a vida real. Os sujeitos que já se acostumaram com o uso do IRC percebem a facilidade com que, no ambiente confortável das salas de chat, pode-se assimilar as vivências virtuais como as únicas possíveis, diminuindo o volume de vivências e relacionamentos reais no seu dia-a-dia. O anonimato, apontado extensamente na pesquisa, passa a resumir os aspectos positivos e negativos dessa vida virtual. Da mesma forma que ele facilita os contatos descompromissados entre os sujeitos, ele é sempre um fator de desconfiança quando um dos sujeitos está investindo em uma relação mais continuada e íntima com outro.

Uma das mais significativas constatações desse estudo, porém, é a de que a emoção, na forma como a conhecemos no mundo real, tem lugar no mundo virtual. Pode continuar parecendo incrível que pessoas se emocionem em frente à tela de um computador, mas os meus entrevistados confirmam que isso é possível. Essa emoção aproxima os sujeitos, faz com que eles se sintam parte da vida dos outros com quem convivem, fortalece a sensação de que não é, apenas, uma tela de computador, mas um meio de se relacionar com outras pessoas, também de carne, osso e sentimentos.

Outro ponto que merece destaque diz respeito àquilo que os sujeitos acreditam que se busca no IRC. Busca-se a mesma coisa que na vida real: gente. Busca-se tudo o que "gente" pode significar e oferecer para os sujeitos. Essa busca é sempre orientada pelo que o sujeito se habituou a encontrar na vida real. No entanto, esse mesmo sujeito tem que se defrontar

com um modo de ser virtual que, muitas vezes, se revela frustrante. Por suas próprias características, pela ausência de contato físico, pelas possibilidades do anonimato, o mundo virtual acaba impondo limitações, mesmo garantindo toda sorte de novas experiências pessoais e sociais. Alguns sujeitos se habituariam e continuam a freqüentar as salas, outros se decepcionam e desistem de assimilar o que o mundo virtual traz de diferencial para seus cotidianos.

Entre outras constatações interessantes, cabe ressaltar a que resume o porquê de os sujeitos freqüentarem cotidianamente e ao longo do tempo as salas de chat do IRC: prazer. Pode parecer muito pouco, mas, como foi demonstrado no discurso dos entrevistados, o prazer de, no conforto de seu lar, de forma segura, sob seus próprios critérios, ampliar suas redes de experiências sociais e pessoais é o argumento perfeito para continuar freqüentando as salas. Este prazer é vivido de várias maneiras, cada sujeito escolhe a sua, segundo suas necessidades e interesses.

Com esse elenco de considerações, acho oportuno começar a discutir onde o IRC se torna interessante enquanto objeto de estudo para nossas sociedades contemporâneas. O próximo capítulo se encarregará de unir as impressões de minha pesquisa ao que outros autores entendem como relevante para entender nossa sociedade e a forma como as pessoas buscam se agrupar.

4 - Discutindo as salas de chat do IRC: A teoria que embasa o raciocínio

No primeiro capítulo deste trabalho preocupei-me em criar um ambiente para explicar como as pessoas estão se agregando e se relacionando em nossos tempos. Para isso, usei extensamente o trabalho de Michel Maffesoli. Acho oportuno, no momento, resgatar os conceitos desse autor para tentar entender e contextualizar a Internet e o IRC, objetos deste estudo.

TRIBOS DA VIRTUALIDADE

Como já foi visto, Maffesoli defende a ascendência de um ideal comunitário, nas nossas sociedades complexas, em detrimento de um ideal democrático. O que interessa assinalar, neste momento, é que esse ideal comunitário é causa e efeito da necessidade que os sujeitos, ao longo da modernidade, foram desenvolvendo de se aproximar de outras pessoas e estabelecer relações sociais com determinadas características. Estas características seriam, basicamente: afeto e confluência de interesses.

No caso do IRC, como foi possível perceber nas falas dos entrevistados, os freqüentadores buscam entrar em contato com outras pessoas. A única razão da existência das salas de chat é, exatamente, possibilitar o encontro de pessoas no ciberespaço. Os freqüentadores se encontram com outras várias pessoas nas salas e, na interação e convivência cotidiana, vão estabelecendo laços de amizade. Ficou patente, na pesquisa, que o fato de os sujeitos compartilharem opiniões e interesses reforça esses laços e serve de cimento nas relações que estes estabelecem com os canais. Ao estabelecer relações de permanência com os canais, o sujeito sinaliza que, naquele ambiente, consegue encontrar pessoas que satisfazem os seus interesses, que compartilham de suas idéias e, portanto, que merecem dividir com ele seu cotidiano. As salas de chat se mostram, nesse sentido, um

ambiente propício para a formação das tribos mencionadas por Maffesoli, questão abordada no primeiro capítulo desse trabalho.

As tribos se formam em bases afetuais, e, da mesma forma, os canais de IRC são o território das trocas afetuais ensejadas entre os freqüentadores dos chats. Os canais têm nomes, para que possam despertar a atenção dos sujeitos em função de seu tema e atraí-los para aquele grupo. O uso de nicks para freqüentá-los, o que, ao permitir que o sujeito seja qualquer um ou seja vários, bastando para isso trocar de nick, facilita o caráter cambiante deste sujeito. Não existe nenhum compromisso deste com o grupo, de forma que a sua freqüência a um canal está, única e exclusivamente, associada ao prazer que sente ali.

No caso das tribos do IRC, não existem características externas tão marcantes quanto as das tribos de Maffesoli. A tela do computador é a mediadora dessa comunicação e o ambiente de chat é basicamente um ambiente de digitação. Mas, ao freqüentar as várias salas, o sujeito sente que existem diferenças entre os vários grupos. Diferenças que vão do tom da conversa à forma como os freqüentadores antigos recebem os novos. Essas características são atribuídas e reconhecidas como aspectos de determinados canais. Os entrevistados marcaram, várias vezes, diferenças entre alguns canais, evidenciando que, de uma tribo para a outra, a forma de se comunicar e se comportar no canal acaba tendo que ser transformada.

O PRAZER DE ESTAR JUNTO

Também ficou bastante marcado nas respostas dos sujeitos o fato de entenderem a freqüência às salas de chat como um hábito, um costume. Seria o que Maffesoli chama de "estar-junto à toa". Não existe uma análise crítica, por parte dos entrevistados, sobre esse costume. Eles simplesmente se sentem motivados a estar lá, no canal, cotidianamente, conversando com os outros, de forma absolutamente descompromissada. É um hábito cotidiano

às vezes, extremamente gratificante, outras vezes, basicamente agradável. De uma forma ou de outra, é um costume que está associado ao prazer e aos momentos de lazer.

NOVAS COMUNIDADES

Ao escolher freqüentar este ou aquele canal, os sujeitos marcam que os canais são diferentes entre si. As tribos, portanto, são várias. Os entrevistados escolhem um ou mais canais a partir da identificação com os outros freqüentadores dessas várias tribos.

O IRC se mostra, nas palavras dos sujeitos da pesquisa, um forte agregador de seus freqüentadores, principalmente os que o freqüentam há muito tempo. A associação direta entre seu uso e o lazer dos sujeitos, bem como sua conotação prazerosa, faz com que os entrevistados se sintam motivados a fazer uso contínuo e cotidiano das salas.

Essa nova forma de se agregar, apenas uma das várias possibilitadas pela Internet, chama a atenção para o que Maffesoli chamou de novo comunitarismo.

Os sujeitos da pesquisa foram bastante explícitos em mostrar as diferenças existentes entre as relações ensejadas no IRC e as desenvolvidas no mundo real. Foram claros em mostrar seu encanto pelas possibilidades do anonimato e dessa forma fácil e confortável de estar em contato com várias pessoas, de diversas partes do mundo. Foram sinceros em afirmar que se sentem ligados afetivamente a outros freqüentadores de seus canais, chegando a se emocionar com as histórias e conquistas de seus amigos virtuais. Foram convictos em defender o fato de que a freqüência às salas de chat do IRC é um costume, e que mais do que ser simplesmente confortável, é algo que possibilita momentos de prazer que enriquecem seu cotidiano. Quando Maffesoli defende as mudanças que ele percebe ocorrerem na

passagem da modernidade para a pós-modernidade, ele cita germes pré-existentes que estariam embasando tais mudanças. Estes seriam: a tribalização do mundo, a cultura do sentimento, a estetização da vida e a predominância do cotidiano. Acredito que o IRC é um bom exemplo da nova forma como os sujeitos se agregam. Um agregar-se sem função, sem objetivo, de maneira efêmera, sempre em função do prazer de estar junto, e buscando, através do lazer, transformar seu cotidiano em algo mais antenado com suas necessidades e seus interesses.

Fica bem marcado, neste estudo, que os sujeitos não estão preocupados em entender o que significam todas essas mudanças nas relações ensejadas no âmbito das salas de chat. Eles estão preocupados apenas em viver os ambientes de chat, aproveitando todas as suas possibilidades para exercitar sua curiosidade e sua necessidade de encontrar outras pessoas. Nesse sentido, a pesquisa ajuda a demonstrar que, mais do que um novo comunitarismo, nas palavras de Maffesoli, o IRC promove o surgimento de um novo sujeito, capaz de lidar com novas situações e se adaptar em função de novas normas, sempre buscando a interação com outros sujeitos. Cabe a nós, pesquisadores, continuarmos buscando entender que sujeito é esse.

5 – Referências Bibliográficas:

ESCOBAR, A. (1994). "Welcome to Cyberia: Notes on the Anthtopology of Cyberculture" in Current Anthropology, v.35, n.3, junho de 1994.

GIBSON, W. (1984). Neuromancer. New York, Ace Books, 1984.

GIDDENS, A.. (1991) As Conseqüências da Modernidade. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), 1991.

HAMMAN, R. (1998). Cyborgasms: Cybersex Amongst Multiple-Selves and Cyborgs in the Narrow-Bandwidth Space of America Online Chat Rooms. <<http://www.socio.demon.co.uk/>>, 1998.

LÉVY, P. (1997). Cibercultura. São Paulo, Editora 34, 1999.

MAFFESOLI, M. (1988). O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2a. ed., 1998.

MAFFESOLI, M. (1990). No Fundo das Aparências. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1996.

MAFFESOLI, M. (1996). A Contemplação do Mundo. Porto Alegre, Artes e Ofícios Editora, 1996.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1989) *Questões Metodológicas Sobre a Análise De Discurso*. Em: Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 4, n. 1/2, p. 105, 1989.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1994). *A Análise de Discurso em Questão*.
Em: Teoria e Pesquisa. Brasília, vol. 10, n. 2, 1994.


NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1998). Na Malha da Rede - os Impactos
Íntimos da Internet. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1998.

TURKLE, S. (1995). Life on the screen – Identity in the age of the internet.
New York, Simon & Schuster, 1995.

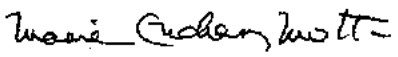
Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Ana Claudia Arnaud da Costa, intitulada "**IRC: Uma nova alternativa para as relações entre as pessoas**", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profª. Ana Maria Nicolaci-da-Costa
(Orientadora) PUC-Rio




Profa. Denise Bernuezo Portinari
PUC-Rio



Profª Maria Euchares de Senna Motta
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 22.../10.../2001.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas